

SonoRA Brasil

Sesc
CNC Senac

ENCONTROS,
TEMPOS
E TERRITÓRIOS
2024_25



Serviço Social do Comércio
Departamento Nacional

Sinhora Brasil.

ENCONTROS,
TEMPOS
E TERRITÓRIOS
2024_25



Rio de Janeiro
Sesc | Serviço Social do Comércio
Departamento Nacional
2025

Sesc | Serviço Social do Comércio

Presidência do Conselho Nacional

José Roberto Tadros

DEPARTAMENTO NACIONAL

Direção-Geral

José Carlos Cirilo

Diretoria de Programas Sociais

Janaina Helena Cunha Melo

Diretoria de Operações Compartilhadas

Maria Elizabeth Martins Ribeiro

Coordenação Geral do Sonora Brasil

Gerência de Cultura

Verônica Tomsic (interina)

Equipe de Música

Renata Pimenta

Sylvia Leticia Guida Lima

Assessoria de Comunicação

André Valle

Editorial

Camilla Savoia

Alice Cardoso

Criação e Design

Julio Carvalho

Planejamento e Atendimento

Daniele Ornelas

Patricia Avolio

Produção local de preparação dos grupos

Ana Carolina Araujo Abreu
(Sesc no Pará)

Anderson da Silva Lins e Sidnei Carvalho
(Sesc no Rio de Janeiro)

Andreia Simone Gomes da Silva e Cássia Mazzei
(Sesc no Mato Grosso do Sul)

Adson Nascimento
(Sesc em Rondônia)

Igor Ribeiro Lenartovicz
(Sesc no Paraná)

Ivaldo Gadelha
(Sesc no Distrito no Federal)

Júlio César
(Sesc em Alagoas)

Fernanda Souza
(Sesc em Pernambuco)

Maristela Alves de Medeiros
(Sesc em Santa Catarina)

Roger Deff
(Sesc em Minas Gerais)

Curadoria Sonora Brasil 2024

A curadoria responsável pela definição de temas e grupos que circulam no projeto ocorreu em 2024, durante o XVIII Encontro Nacional da Atividade Música. O grupo curador é formado por técnicos de todos os Departamentos Regionais e do Departamento Nacional do Sesc.

Franklin Pinheiro (AC), Júlio César (AL), Carolina Moura (BA), Ivaldo Gadelha (DF), Maria Bezerra de Sousa (CE), Fabiana Silva (ES), Marcelo Ortega de Almeida (GO), Andreia Simone Gomes da Silva (MS), Carlos Eduardo de Carvalho Araújo (MA), Roger Deff (MG), Rodrigo Palheta Moraes (PA), Karinine Borba (PB), Igor Ribeiro Lenartovicz (PR), Fernanda Souza e Izaías Neto (PE), Lilian Oliveira (RR), Adson Nascimento (RO), Anderson da Silva Lins (RJ), Daniel Aguiar de Rezende (RN), Anderson Mueller (RS), Maristela Alves de Medeiros (SC), Sabrina Tengan (SP), Emerson Silveira Araújo (SE), Julia Pimenta (Polo Sociocultural Sesc Paraty), Josenira Fernandes (Polo Socioambiental Sesc Pantanal), Jefferson Pereira dos Santos (Polo Educacional Sesc), Renata Pimenta e Ana Caroline da Silva Araujo (Departamento Nacional do Sesc), Sylvia Leticia Guida Lima (Departamento Nacional do Sesc)

Textos

Luciana Medeiros (PA), Betânia Maria Zarzuela Alves de Avelar e Eduardo Melo de Santana Jr. (RO), Roger Deff (MG), Ivaldo Gadelha (DF), Michelle Assumpção e Camila Estephania (PE), Kamille Viola (RJ), Rodrigo Teixeira (MS), Diogo Braz (AL), Isabela Mattioli (PR) e Walter Guimarães (SC)

Imagens

Fernanda Brito Gaia (Manoel Cordeiro e Felipe Cordeiro)
@douglasmosh (Bado, Quilomboclada e Sandra Braids)
Hugo Muniz (Mãe Beth de Oxum, Surama Ramos e Henrique Albino)
@eubenita (Chau do Pife e Andréa Lais)
Raylson Chaves (Geraldo Espíndola e Marcelo Loureiro)
Tiago Sabino (Fernando César e Tiago Tunes)
Eduardo Galetto (Mestre Negoativo e Douglas Din)
Claudia Dantas (Charles André e Luciane Dom)
Gabriel Bazt (Seu Risca e Ana Paula da Silva)
Ivo Lima (Fandango Mestre Zeca e Melina Mulazani)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Renata de Souza Nogueira – CRB-7/5853)

Sesc. Departamento Nacional.

Encontros, tempos e territórios : circuito nacional 2024-2025 / Sesc,
Departamento Nacional. – Rio de Janeiro : Sesc, Departamento Nacional, 2024.
– (Sonora Brasil).

1 recurso eletrônico (9,7 Mb).

Suporte: E-book

Formato: Pdf

1. Projeto Sonora Brasil. 2. Música - Brasil. I. Título.

CDD 780.92

© Sesc Departamento Nacional, 2025

Telefone: (21) 2136-5555

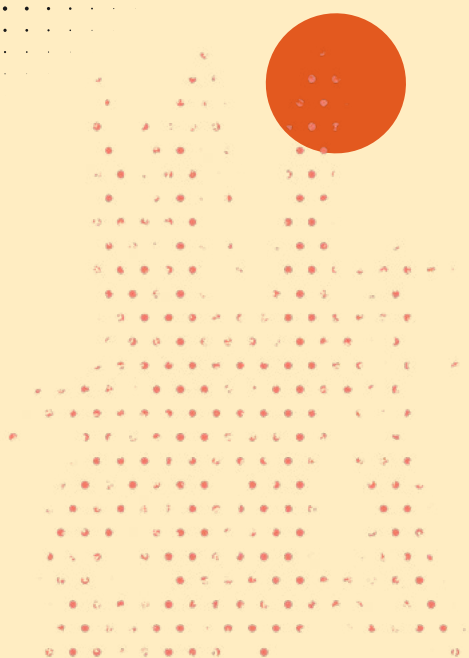
www.sesc.com.br

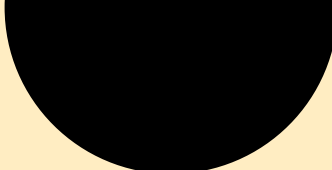
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei n.º 9.610 de 19/2/1998.

Distribuição gratuita. Reprodução e venda proibidas.

A música está presente na vida de todos nós. Ela, que atravessou diferentes épocas e civilizações, faz parte da cultura e da história de cada país. Por ser um meio potente de interação e um fator determinante da construção social, cognitiva, corporal e emocional do ser humano, ela transforma e ajuda a compor a leitura de mundo das pessoas.

A realização de programações musicais, em especial as circulações de espetáculos, envolve diversos profissionais de uma cadeia produtiva que é responsável por grande parte da economia da cultura no país. Essas atividades contribuem, de maneira direta, para a promoção do empreendedorismo e a geração de empregos e, de maneira indireta, para o desenvolvimento econômico, uma vez que há a contratação de serviços necessários para a realização de projetos culturais, como transporte, alimentação, hospedagem, entre outros.





Promovido pelo Sesc desde 1998, o Sonora Brasil é um projeto que apresenta uma variedade de programações musicais e faz parte da proposta de desenvolvimento das artes, com enfoque na valorização, na preservação e na difusão do patrimônio cultural brasileiro. O Sesc se orgulha de potencializar essa produção artística de abrangência nacional e com livre acesso ao público, que dá visibilidade a artistas, contribui para a formação de plateias e promove um dos projetos mais relevantes sobre a diversidade musical brasileira por meio de seus circuitos itinerantes. É com muita alegria que celebramos os vinte e seis anos dessa iniciativa, responsável por enaltecer as mais diversas manifestações musicais e reforçar a noção de coletividade e pertencimento cultural.

Que venham muito mais anos de Sonora Brasil e que a música continue a ser motivo de reflexão, união e esperança, proporcionando alegria para a população brasileira.

Departamento Nacional do Sesc



8 Apresentação

10 Música, tempos e territórios: cenas musicais do Brasil

12 Bado, Quilomboclada e Sandra Braids | Rondônia

Música Popular Beradeira ou MPBera



18 Manoel Cordeiro e Felipe Cordeiro | Pará

A cena multifacetada da música paraense e seus gêneros norteadores



26 Mãe Beth de Oxum, Surama Ramos e Henrique Albino | Pernambuco

Música pernambucana: miscigenação, enraizamentos e atemporalidades

32 Chau do Pife e Andréa Laís | Alagoas

As raízes e os frutos sonoros de Chau do Pife e Andréa Laís: encontro de gerações revela riqueza da música alagoana

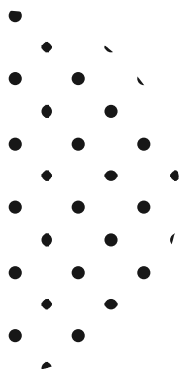


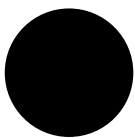
36 Fernando César e Tiago Tunes | Distrito Federal

O choro: da Lapa ao Planalto Central

40 Geraldo Espíndola e Marcelo Loureiro | Mato Grosso do Sul

Saudações pantaneiras





44 Mestre Negoativo e Douglas Din | Minas Gerais

Territórios da margem e conexões atemporais

48 Charles André e Luciane Dom | Rio de Janeiro

Uma jornada amorosa pelas sonoridades negras e suburbanas cariocas



Seu Risca e Ana Paula da Silva | Santa Catarina

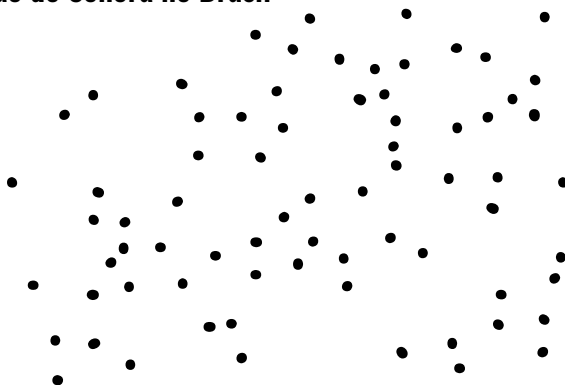
“Canto porque nesse instante posso ser eu, inteira, no agora, em meu sopro divino”



Fandango Mestre Zeca e Melina Mulanzani | Paraná

É preciso atravessar a ponte

64 Espaços de circulação do Sonora no Brasil



APRESENTAÇÃO

A música é uma expressão e um modo de comunicação que tem a potência de despertar sentimentos e emoções, e assim conectar pessoas, territórios, culturas e gerações. Essa arte possibilita desenvolver habilidades, preservar conhecimentos e ampliar experiências estéticas e criativas.

A partir dessa premissa, o Sonora Brasil é um projeto que tem como objetivo desenvolver programações musicais com temáticas relacionadas à cultura brasileira. A estratégia de estipular um eixo curatorial a partir de um recorte temático a cada período busca criar a produção de conhecimento, proporcionar experiências ricas e diversificadas aos públicos e fortalecer a Rede Sesc de Música, formada por profissionais de todos os estados brasileiros.

No biênio 2024/2025, a temática “Encontros, tempos e territórios” destaca um aspecto fundamental do Sonora Brasil, que é o olhar, a escuta e a valorização das territorialidades, da diversidade e das memórias por meio da expressão de seus autores e intérpretes. Aqui, a música é pensada como produto de tempo e território que reflete e dialoga com a sociedade e com os tempos históricos.

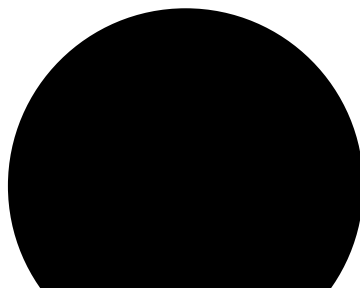
Composta por profissionais do Sesc dos Departamentos Regionais e dos Polos de Referência do Departamento Nacional, representando todos os estados do Brasil, a curadoria partiu de uma representatividade das cinco regiões do país e do conceito de intergeracionalidade e diálogos entre tradição e contemporaneidade, local e universal, para selecionar um grupo diverso de vinte artistas.

Esses artistas foram convidados a se unir em dez grupos e criar espetáculos inéditos para o projeto, cujos encontros mostram a relação entre tempos históricos e territórios e trazem, em suas músicas, a relação com diferentes movimentos da música popular brasileira.

Representando o **Norte**, os paraenses Manoel Cordeiro e Felipe Cordeiro, respectivamente pai e filho, trazem a fusão de ritmos amazônicos como guitarrada, lambada, brega e carimbó com a música eletrônica e o pop. De Rondônia, o veterano cantor e compositor de MPB Bado se une à banda Quilomboclada e ao rap de Sandra Braids para apresentarem a MPBera, movimento em defesa de uma identidade própria rondoniense que revaloriza a identidade ribeirinha, utilizando o termo beradeiro.

No **Nordeste**, Chau do Pife, virtuoso que rompe as fronteiras tradicionais desse instrumento musical, e a jovem cantora Andréa Laís, com sua ancestralidade, representam a força da música alagoana.

De Pernambuco, a mestra coquista Mãe Beth de Oxum se une ao arranjador e multi-instrumentista Henrique Albino, referência da nova geração do frevo pernambucano, e à versátil cantora Surama Ramos, que transita pelo canto lírico e pelo canto popular, para criarem um espetáculo inédito.



Para representar o **Centro-Oeste**, Geraldo Espíndola, do Mato Grosso do Sul, cantor e compositor de notoriedade nos Festivais da Canção, se une ao multi-instrumentista Marcelo Loureiro, que com um estilo único mescla diferentes formações clássicas, flamenco e influências do folclore latino, trazendo a música do cerrado entre guarânias e chamamés, a renovada alma pantaneira. De Brasília, o experiente violonista de sete cordas Fernando César, herdeiro de uma geração de chorões que migraram para Brasília nos anos 1960 e implantaram o choro na capital do Brasil, se une ao jovem virtuoso do bandolim Tiago Tunes para mostrarem a tradição e a renovação do choro e a força desse gênero musical instrumental tão importante para a história da música brasileira.

Do **Sudeste**, o carioca e profícuo compositor Charlles André, referência do samba e do pagode dos anos 1990, com mais de duzentas composições gravadas por diversos grupos de pagode e participação em dezenas de álbuns, se une à cantora e compositora fluminense Luciane Dom, da nova geração, mostrando essa importante parte da cena musical do Rio de Janeiro. De Minas Gerais, Mestre Negoativo, ativista cultural e pesquisador das tradições afro-mineiras, e Douglas Din, um dos grandes MCs brasileiros da atualidade, mostram a força e as transformações da musicalidade de matriz africana no século XXI.

Representando o **Sul**, de Santa Catarina, o quilombola mestre de catumbi Seu Risca, e a premiada pesquisadora, cantora e compositora Ana Paula da Silva mostram a riqueza da música afro-brasileira de Santa Catarina. Do Paraná, cidade de Paranaguá, o mestre da cultura caiçara Zeca da Rabeca, brincante e construtor de instrumentos, nesta circulação representado pelo Fandango Mestre Zeca, se une à curitibana artista da voz, carnavalesca, performer, figurinista e arte educadora Melina Mulazani.

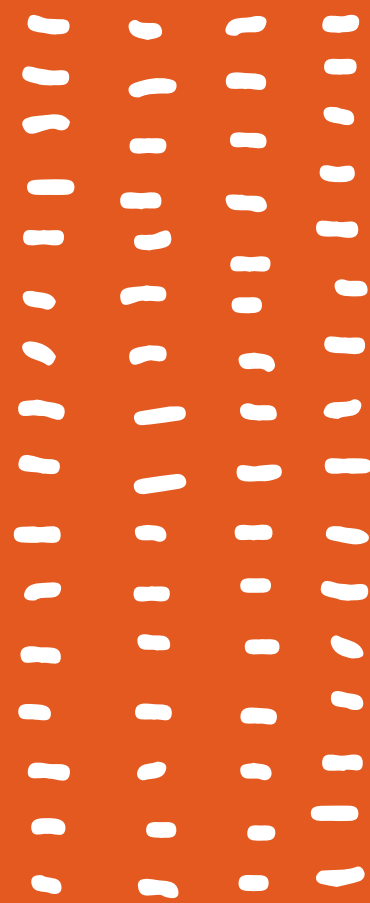
Em 2024, cinco grupos circulam pelos estados do Norte e do Nordeste, e os outros cinco pelo Sul, pelo Sudeste e pelo Centro-Oeste. Em 2025, o circuito se inverte. No biênio 2024/2025, o projeto passa por mais de sessenta cidades, realizando um total de trezentas e trinta apresentações.







MÚSICA, TEMPOS E TERRITÓRIOS: cenas musicais do Brasil



RONDÔNIA

BADO, QUILOMBOCLADA E SANDRA BRAIDS



Música Popular Beradeira ou MPBera

Betânia Maria Zarzuela Alves de Avelar¹ e Eduardo Melo de Santana Jr.²

O estado de Rondônia compõe a Amazônia Ocidental e sua história é marcada por diversos períodos migratórios, impulsionados por diferentes cenários econômicos na região. Essa realidade permeia os processos constitutivos de memória e identidade, que estão em permanente disputa e reelaboração. Antes de tudo, Rondônia é um território ancestral forjado em tempos de encontros e dispersões, com sua composição sócio-histórica se dando também pelas confluências entre povos originários, afro-antilhanos e imigrantes. Esses povos constituídos na relação com o caudaloso rio Kayary, o imponente rio Madeira, mobilizam suas lutas e seus sonhos no Velho Porto, construindo novos trilhos sobre a antiga ferrovia-fantasma. Assim, são recriadas fronteiras culturais no território, manifestadas em linguagem, hábitos, culinária e sonoridades.

Nesse contexto, a Música Popular Beradeira (ou MPBera) surge como um estilo que combina diversos gêneros musicais, procurando valorizar a cultura amazônica por intermédio de suas temáticas líricas e poéticas e de seus arranjos musicais.

Um dos personagens importantes para a música e a cultura local é o cantor e compositor Erivaldo de Melo Trindade, conhecido por Bado, um artista nativo, oriundo do movimento Grito de Cantadores,

1 Mulher afro-ameríndia, amazônida, formada em Comunicação e Ciências Sociais. Pós-graduada em Cinema e Linguagem Audiovisual e mestre em Antropologia. Atualmente é doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

2 Graduado em História pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestre em História e Estudos Culturais pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Tem publicações sobre a cena musical beradeira em Porto Velho em suas afirmações identitárias amazônicas.

ocorrido em 1979, no Sesc em Rondônia, na cidade de Porto Velho. Sua música retrata os elementos desse território diverso, pujante, que evoca tempos distintos na cultura amazônica refletida na memória, nos costumes e na história desses povos que vivem nessa região da América Latina.

Em meio às mudanças de eixo, temáticas e paradigmas estruturais da sociedade e da cultura, surge em Porto Velho outra manifestação cultural conduzida pela geração da música independente da capital, nos anos 1990, oriunda do hip-hop, do punk rock e de outros estilos underground. Trata-se do Movimento Beradeiro, com fortes influências dos modos de vida ribeirinha e das manifestações culturais do Distrito de Nazaré, no Baixo Madeira, com o grupo Minhas Raízes, e dos artistas da geração anterior, como Bado, Binho, Zezinho Maranhão, Augusto Silveira e Francisco Lazaro (Laio), entre outros. Nesse novo cenário cultural urbano, surgem diversos grupos, entre eles a banda Quilomboclada.

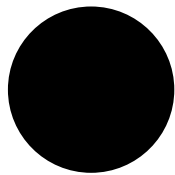
Inspirados pela cultura ribeirinha e amazônica, a banda defende uma identidade cultural beradeira, cultura local proveniente da beira do rio, da florestania, dos modos de produção e reprodução da subjetividade Amazônida. Em sua obra de lançamento em 2022, o álbum *Manifestejo*, estão presentes os elementos da *beradagem*, como na música “Afroindígena”, que valoriza o encontro dos povos originários e afrodiáspóricos. “Beradeiro” (2022) é uma música que desenha o retrato do ribeirinho da beira

do Madeira e suas práticas culturais, muitas vezes desvalorizadas no meio urbano, onde não se reconhece a dependência dos saberes ancestrais nas diversas práticas cotidianas.

A presença feminina na Música Beradeira é bastante significativa, e uma de suas representantes é Sandra Braids. A artista beradeira é precursora do rap feminino na cidade de Porto Velho, no Movimento Hip-Hop Organizado de Rondônia, que depois viria a ser o Movimento Hip-Hop da Floresta.

Ao som das batidas das pickups dos DJs, Sandra solta rimas como a música “Rima positiva”, lançada em 1999, em que sua arma é o pensamento. Cresceu na luta, tornou-se mulher, sempre vigilante e pronta para o ataque. Suas rimas denunciam as injustiças sociais, raciais e sexistas, como na música “Me respeita” (2002). Em parceria com Bado e o rapper F’Dois, em “Esperançar” (2022), ela traz a essência da pedagogia freireana, guerreira educadora popular.

É da união entre Bado, Quilomboclada e Sandra Braids, uma mistura de samba, rock, hip-hop e jazz com as batidas dos tambores ancestrais da capoeira ao carimbó, que a Música Popular Beradeira *banzeira* pelo Sonora Brasil. Essa proposta apresenta novas rotas culturais do estado de Rondônia, alcançando novos horizontes, expandindo fronteiras e modificando conceitos e visões sobre as diversas Amazônia, seus povos e suas comunidades afro-ameríndias.



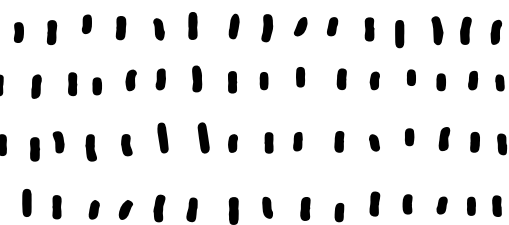
Bado

Nascido em Porto Velho, Bado é cantor, compositor e instrumentista. Sua trajetória com pouco mais de quarenta anos se consolida nas trilhas sonoras dos compassos do tempo, combinando música instrumental, samba, blues, jazz e carimbó nervoso dentro de sua aldeia de sons.

A amazonialidade que aflora o imaginário simbólico está registrado em alguns de seus trabalhos, como os discos *Porto das esperanças*, lançado em 1992, e *Amazônia em canto*, em 1994, compilação musical em que participou com outros cantores e cantoras de Rondônia. Em 2005, lançou o álbum solo intitulado *Aldeia de sons*, enfatizando a ancestralidade dos povos originários com “Um canto a favor das matas”, passando pela histórica “Estrada de Ferro Madeira-Mamoré” e se conectando ao tempo do mundo global em “Mundos”, o que resultou no diálogo entre os diferentes tempos e espaços que compõem a diversidade desse território.

Entre outros trabalhos, estão a participação no DVD *Gente da mesma floresta* (2012), o álbum *Olhos de rios* (2022) e seu trabalho mais recente, *Songbook Bado: amazonialidades nos trilhos das canções* (2024), que registra a obra do artista e parte da história e da memória cultural da cidade, vivenciada e acumulada nos trilhos da história musical e cultural de Bado em Rondônia. Bado é Amazônia para o mundo ouvir.





Quilomboclada

A banda traz em si a ideia da ressignificação de valores da cultura dominante que a Música Popular Brasileira questiona. O nome vem da fusão dos termos quilombo, que designa resistência, e caboclada, o habitante nativo. A Quilomboclada aborda em suas letras a nova configuração de sentidos que outrora estava por vezes invisibilizado pelos canais da cultura oficial. Atualmente ela é formada por Béra Ákilas e Samuel Béra, no vocal; Lauriano Pororoca, na bateria; Mestre Xoroquinho, na percussão; Adriano Pato, no baixo; Jacob Tarauacá, na guitarra; e DJ Vilber, que buscam organizar musicalmente a ideia de pertencimento ao território.

O grupo traz, em sua bagagem, a “pancada” como resistência sonora. No seu repertório está “Boicore”, faixa que abre seu álbum musical, no qual béra-afros e afro-indígenas fortalecidos com ancestrais caboclos misturam hip-hop, rock, MPB, jazz, disco, soul music e percussão no ritmo da mais legítima MPBera. Carregando seus remos e suas artes, a Quilomboclada faz luta e festa no seu sonoro béra-quilombo, então, o convite está feito: “Salve, salve, beradagem, seja bem-vindo à viagem”.



Sandra Braids

Mulher negra, mãe, umbandista, rapper, compositora e assistente social, ela se descobre arteira, como ela mesmo diz, ao se entender militante, mostrando que sua vida artística está intrinsecamente ligada à sua luta. Inicia a militância aos treze anos no Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua e, mais tarde, em 1999, passa a compor a cena do hip-hop. Ela se recusa a ser backing vocal, lugar destinado às mulheres nos grupos de rap, e fundou o grupo Ideologia Feminina e o primeiro coletivo feminino para discutir o hip-hop como um espaço masculinizado.

Ficha técnica:

Bado: voz, violão e direção musical

Sandra Braids: voz

Akilas Correa Moreira

e Samuel Pessoa da Silva: voz

Kenny Frazão: voz e produção

Adriano Pereira dos Santos: baixo

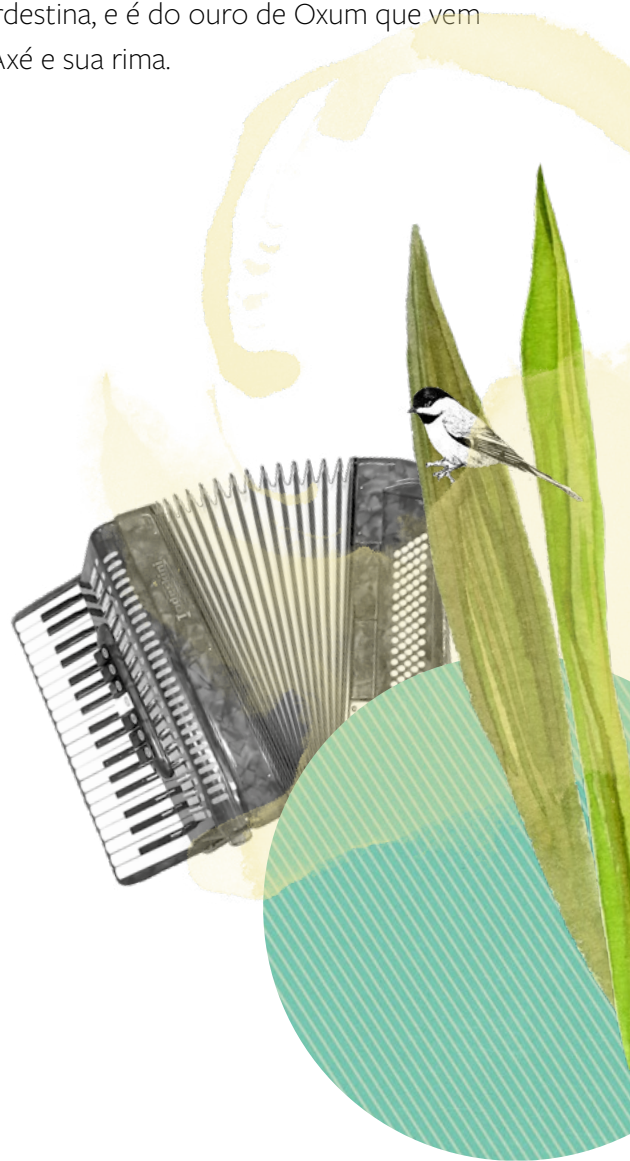
Oséias Araújo da Silva Lima: guitarra
e produção musical

Elias Fernando Ribeiro: percussão

Lauraino Cleto Gonçalves: bateria

Idelfrank da Silva Lima Porto: técnico de som

Sandra percorreu muitos caminhos, mas é na beira do Madeira que conhece bem seus direitos, descobrindo que não pode mais viver sem ritmar, como mostra na música “Som da paz” (2003). Filha de benzedeira e neta de parteira, ela é corpo-território, personificação da confluência negra, indígena e nordestina, e é do ouro de Oxum que vem seu Axé e sua rima.



PARÁ

MANOEL CORDEIRO E FELIPE CORDEIRO



A cena multifacetada da música paraense e seus gêneros norteadores

Luciana Medeiros³

A música paraense passou por uma significativa renovação entre as décadas de 1970 e 1990, marcada por movimentos musicais que contribuíram para criar uma identidade sonora própria, fortalecida por artistas pioneiros que tiveram um papel fundamental nesse processo.

Ao mergulhar nessa história, podemos compreender a atual cena da música feita na Amazônia e, em especial, no Pará, que influencia artistas como o precursor Manoel Cordeiro e Felipe Cordeiro, representante expoente da região Norte entre as novas gerações.

Falaremos sobre três gêneros que norteiam essa história — o carimbó, o brega (e suas variações) e a guitarrada, que é, entre todos, o gênero musical que inaugura a fusão de ritmos e estilos que tanto representa essa cena multifacetada contemporânea da música paraense.

Guitarrada precursora

A guitarrada foi criada nos anos 1970, a partir de Joaquim de Lima Vieira, mais conhecido como Mestre Vieira, artista reconhecido como criador do gênero. Influenciado pelo choro, na música brasileira, e pelos ritmos caribenhos, latinos e africanos, Vieira foi o primeiro a combinar elementos do carimbó, da cúmbia, do merengue, da Jovem Guarda e do bolero, entre outros ritmos, gerando um som inovador que se tornou sua marca registrada. Ele deu voz e um novo sotaque à guitarra elétrica, instrumento principal do gênero, e criou um estilo único de tocá-la.

³ Paraense formada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA), com especialização em Comunicação e Marketing Digital. É produtora de cinema e música. Em 2025, contará a história do músico Mestre Vieira com o documentário *Coisa maravilha, a invenção da guitarrada*.

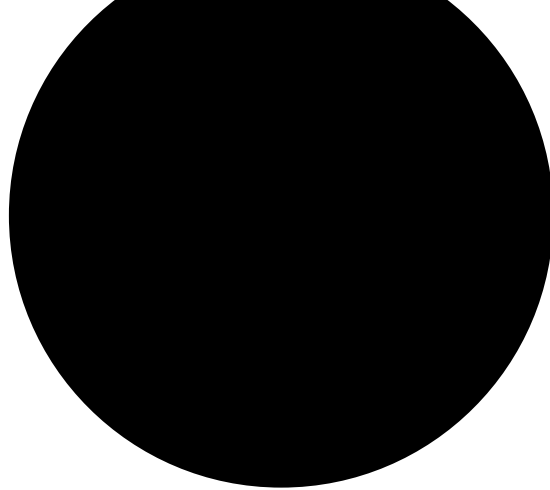
Curiosamente, o gênero guitarrada surgiu com o nome lambada, batizado assim por Vieira, que se inspirou em uma expressão da região difundida pelo radialista paraense Haroldo Caracciolo, que, quando anunciava que ia tocar uma música quente e dançante para os ouvintes, dizia: “Vai aí uma lambada”.

Lambada reinventada

Mestre Vieira teve seu auge nos anos 1980. Em meados dessa mesma década, a lambada de Vieira e seu conjunto era sucesso nas rádios do Nordeste — o primeiro LP vendeu quase 100 mil cópias e o segundo bateu os 300 mil só na região.

Esse fenômeno logo foi incorporado e moldado por empresários e produtores musicais, a fim de obter maior absorção no então interessadíssimo mercado fonográfico. É quando a lambada ganha fama internacional e se torna um fenômeno global com o sucesso de “Chorando se foi”, da banda franco-brasileira Kaoma, versão de “Llorando se fue”, do grupo peruano Los Kjarkas. A versão estourou e gerou artistas como Beto Barbosa e Márcia Ferreira.

Mestre Vieira passou uma década à deriva, até que, no início dos anos 2000, sua criação musical foi enfim reconhecida como precursora da lambada e, por consequência, de todo o movimento musical que segue influenciando gerações.



Carimbó eletrificado

O carimbó, ritmo tradicional amazônico criado no século XVII com a formação pau e corda, também ganhou uma nova vida. Isso se deu a partir da eletrificação dos conjuntos regionais, algo que ocorreu em todo o país. E foi assim, com guitarra, baixo, percussão e bateria, que Pinduca ganhou o título de Rei do Carimbó, sob crítica dos mais puristas, e difundiu amplamente o gênero para além das fronteiras do Pará, nos anos 1980 e 1990.

O Brasil conheceu o carimbó pau e corda principalmente a partir do movimento iniciado em 2004 pela patrimonialização do gênero junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

A partir de então, o gênero voltou a ser valorizado pelas gerações que passaram a buscar referências em mestres do carimbó que até aquele momento desconheciam — o que foi determinante para a cena.





Brega, tecnobrega, baile e aparelhagem

O brega é um movimento importantíssimo que se tornou conhecido nos anos 1980, proveniente das periferias. Embora embalado pelas gravadoras, sofreu baixas irreversíveis quando o mercado começou a se modificar frente às novas tecnologias e ao *modus operandi*, já no fim da década de 1990. Não deixou, porém, de ser norteador para as gerações que vieram em seguida.

Enquanto os artistas pioneiros do brega se viram órfãos, a nova geração, ao aproveitar as novas oportunidades de reprodução da música, entra em cena dando início a um novo momento. Assim, surge o tecnobrega, reinventando o brega, e a partir disso acontecem as festas de aparelhagem e os bailes da saudade. É importante ressaltar que a grande popularização do gênero influencia de forma significativa a cena musical, trazendo variações a reboque, como o tecnomelody.



Desdobramentos

A base da música paraense é sólida, e sua variação segue sem fronteiras. Portanto, os pioneiros, revisitados, estão sempre em voga. E foi isso o que ocorreu na primeira década dos anos 2000, com o ressurgimento da guitarrada, trazendo à tona seu criador, Mestre Vieira, graças à pesquisa do então jovem estudante e guitarrista Pio Lobato.

A partir do precursor redescoberto, ressignificado e reposicionado na história da música, a guitarrada enfim ganha reconhecimento e relevância, tornando-se em 2011 patrimônio de natureza imaterial do estado do Pará, ancorado na trajetória e na obra de Vieira. Esse acontecimento desencadeou novos projetos musicais, como o festival de música Terruá Pará, cujas primeiras edições, a partir de 2006, tinham como carro-chefe do espetáculo, não por acaso, os Mestres da Guitarrada.

O produtor Manoel Cordeiro, a partir dos estúdios de gravação, foi um dos principais responsáveis pela difusão de diversos trabalhos que mergulharam nessa fusão de ritmos. Mas, se como produtor ele focou no brega e na lambada, como músico, embalado pela nova projeção do gênero criado por Mestre Vieira, ele também incorporou a guitarrada em seu repertório autoral, ainda mais em trabalhos recentes, como *Guitar hero Brasil*, lançado em 2019.

O interessante desses movimentos musicais é que eles estão sempre em diálogo, se modificando e gerando novos artistas que também se unem em diversos projetos. Há muitos exemplos: Mestre Curica, que tocou banjo ao lado de Vieira e Aldo Sena, formando os Mestres da Guitarrada, vem também de longa trajetória do carimbó pau e corda, integrando o Conjunto Uirapuru, de Mestre Verequete, ainda nos anos 1970; Aldo Sena foi Carlos Marajó nas produções do comunicador, empresário e dono de gravadora Carlos Santos, em uma série de discos intitulada *Guitarradas*; e Felipe Cordeiro, que em 2024 fez mais uma parceria, desta vez com Gaby Amarantos, lançando juntos “Lambadeira”, single do disco *Close, drama, revolução & putaria*.

(Re)inventar com alma

A música paraense é democrática e sempre dará espaço para quem aspira inventar ou se reinventar com alma. É importante também revisitar, sempre, os pioneiros, como Verequete, Vieira e Tonny Brasil — e aqui faltaram muitos nomes que poderiam ter sido citados, mas não há como se alongar. São artistas que já partiram, mas deixaram legado em obras e histórias que não só influenciam as novas cenas da música como enaltecem a cultura paraense e brasileira.

Manoel Cordeiro

A música da Amazônia é um misto de ritmos e estilos, refletindo a diversidade cultural e a riqueza natural da região. Nos anos 1980 e 1990, essa cena efervesceu com a ascensão de gêneros como brega, carimbó e guitarrada, impulsionados por artistas locais que modernizaram e globalizaram suas tradições musicais. Entre esses artistas, Manoel Cordeiro se destaca como um dos arquitetos dessa revolução sonora, tanto como produtor musical quanto como guitarrista.

A carreira dele nasce num período em que a música popular brasileira passava por períodos políticos difíceis, mas se mantinha em constante evolução, ganhando, nos meados da década de 1980, ares de liberdade e novas possibilidades de criação. Enquanto o Sudeste vivia o auge do rock nacional e da MPB, no Norte, Manoel Cordeiro se aprofundava nas raízes amazônicas, trazendo à tona ritmos tradicionais com um olhar moderno. Entre 1979 e 1996, Manoel Cordeiro participou de mais de mil discos, contribuindo significativamente para a popularização da música amazônica, tanto no Norte quanto no Nordeste. Sua habilidade em sintetizar elementos do carimbó, do brega e da lambada com influências contemporâneas resultou em uma sonoridade única e cativante.

Em 2015, em uma nova fase da trajetória, Manoel Cordeiro lançou o primeiro disco solo, *Manoel Cordeiro & sonora Amazônia*, no qual explorou as vertentes mais dançantes da música produzida na região, com influências caribenhas como a guitarrada, a cúmbia e o zouk. Esse álbum reafirmou sua importância na cena musical brasileira e tornou possível o diálogo do artista com as novas gerações e tendências musicais. No mesmo ano, a faixa “Asfalto amarelo” entrou na trilha sonora do filme *Pequeno segredo*, indicado ao Oscar, e foi regravada por Fafá de Belém.

Em 2016, ao lado do filho, Felipe, Manoel lançou o projeto *Combo Cordeiro*, um disco que harmoniza guitarras com batidas eletrônicas, explorando ritmos como tecnobrega e carimbó. Mais tarde, em 2019, foi lançado *Guitar hero Brasil*, disco que revisita ritmos tradicionais como o marabaixo e o batuque, integrando-os a um pop brasileiro.

Ao explorar e valorizar raízes culturais, criando uma ponte entre tradição e modernidade, Manoel Cordeiro nos inspira e mostra, por meio de sua obra, que a música da Amazônia é, acima de tudo, uma expressão viva da alma brasileira.

Felipe Cordeiro

O artista nasceu em 1984, em Belém do Pará, onde décadas depois emergiu como um dos expoentes da geração de músicos brasileiros que redescobriu na cultura regional uma potência universal. Na infância e na adolescência, ele já estava imerso em sons e melodias, frequentando os estúdios de gravação ao lado do pai, o guitarrista e produtor Manoel Cordeiro. Aos onze anos, ingressou na Escola de Música da Universidade Federal do Pará (UFPA), onde estudou piano, teoria musical e bandolim. Aos quinze anos, já compunha.

A formação acadêmica em Filosofia, somada ao ambiente musical efervescente em que cresceu, moldou um artista com uma compreensão profunda e diversificada da música, que cultiva influências que vão desde a bossa nova dos anos 1960, passando pelo tropicalismo dos anos 1970, até o rock e a MPB das décadas seguintes.



A trajetória sonora e profissional de Felipe Cordeiro é marcada por uma evolução constante e uma busca incessante por inovação. Em sua música, a fusão de ritmos amazônicos com elementos modernos resulta num pop tropical, em que ele mistura, muito à vontade, cúmbia, merengue, guitarrada, carimbó, rock e música digital. Seus álbuns refletem essa jornada, revelando um artista que não tem medo de experimentar e se reinventar.

O primeiro álbum de Felipe, *Banquete*, lançado em 2010, é um trabalho de MPB tradicional, interpretado por diversas cantoras. No entanto, foi em 2011 que consolidou seu estilo, com o segundo álbum, *Kitsch pop cult*, produzido por André Abujamra. Esse álbum marca uma mudança significativa em sua carreira, trazendo uma crítica muito bem-humorada e ácida à cultura pop, que já sintetiza a mistura da música amazônica.



Em seu terceiro álbum, em 2013, *Se apaixone pela loucura do seu amor*, produzido por Kassin e Carlos Eduardo Miranda, o artista continuou a explorar e inovar, incorporando elementos de lambada e outros ritmos tropicais. Em 2019, seu quarto álbum de estúdio, *Transpyra*, é mais uma evolução significativa. O trabalho aprofunda a exploração de ritmos amazônicos e mistura os elementos tradicionais da música paraense com influências de pop, rock e música eletrônica. Assim, por meio de novas tendências musicais que emergem na região, o artista se aventura e compõe suas narrativas.

Ao mergulhar na música popular tropical, de influências sonoras atuais e tradicionais, mas que também se posiciona enquanto território, Felipe propõe uma música urbana e moderna, que chega aos palcos e às plataformas digitais enriquecida pelos sotaques de uma Amazônia sonora, fruto da resistência de uma cultura diversa e sem limites criativos.

Ficha técnica:

Manoel Cordeiro: guitarra

Felipe Cordeiro: voz, guitarra e beat

Maykon Yamada: baixo

José Mariano: bateria

PERNAMBUCO

MÃE BETH DE OXUM, SURAMA RAMOS E HENRIQUE ALBINO



Música pernambucana: miscigenação, enraizamentos e atemporalidades

Michelle Assumpção⁴

A miscigenação do povo brasileiro continua sendo um dos principais eixos para compreendermos a produção artística do país. Desse modo, a música é uma das expressões em que mais se evidencia essa tendência, por meio da assimilação e do reprocessamento de saberes e fazeres que compõem nossa história.

Em 1933, o pernambucano Gilberto Freyre referendou, em *Casa-grande & senzala*, o desmonte da tradição teórica racial do século XIX, que desqualificava a cultura brasileira e seu povo, julgando-os inferiores por estarem “contaminados” pelos costumes e conhecimentos dos povos indígenas e africanos. Desde Freyre, portanto, é possível afirmar que a mistura de diferentes culturas é, na verdade, a base da riqueza cultural do Brasil. Em Pernambuco, particularmente, o hibridismo cultural marcou a produção musical de diferentes gerações: do centenário frevo ao tropicalismo e à psicodelia dos anos 1970, do Movimento Armorial ao Mangubeat, até chegar ao brega funk e às suas variações. Outro importante eixo dessa produção é aquele que deriva da tradição popular. Essa expressão artística tem por base grupos de trabalhadores que criaram suas músicas como meio de comunicar seus anseios e lutas, reinterpretar as relações de trabalho impostas ou, apenas,

4 Jornalista pernambucana, com especialização em Culturas Populares e Gestão Pública de Cultura. É autora dos livros *Lia de Itamaracá: nas rodas da cultura popular* e *Festival de Inverno de Garanhuns: 30 anos do maior festival de arte, cultura, formação e diversidade da América Latina*.

celebrar ciclos festivos como Carnaval, São João e Natal.

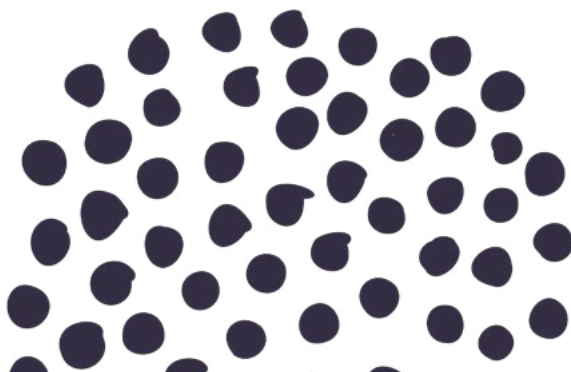
Vale ressaltar também os cocos e seus variados estilos, os maracatus de nação, originalmente baseados em terreiros de candomblé, e os de baque solto, criados por trabalhadores da cana-de-açúcar, as cirandas, que são danças de pescadores, mas também de trabalhadores rurais, os caboclinhos e os frevos de rua, de bloco e canção. Todos esses elementos compõem um conjunto de tradições que é chamado de cultura popular de Pernambuco.

Outro conceito que nos ajuda a compreender a música pernambucana do século XXI é o de “liminaridade cultural”, desenvolvido pelo antropólogo britânico Victor Turner. De maneira simples e resumida, essa ideia traz o sentido de um território fluido e sem fronteiras, onde diferentes tradições e influências se encontram e se misturam. O que nos leva a refletir, por exemplo, sobre os mestres de maracatu da Zona da Mata Norte de Pernambuco. Com a decadência da economia canavieira e o fechamento (ou automação) de usinas, esses músicos, que são trabalhadores da cana-de-açúcar, migram para a Região Metropolitana do Recife, onde se deparam com outra realidade social, econômica e cultural. Na cidade, passam a compor cocos, cirandas e outros gêneros, incorporando novos saberes e influências, sem perderem o título de artistas de uma tradição.

Assim é a história de Manoel Salustiano, que, saído da Zona da Mata, foi para Olinda. Lá, com os filhos, ele estabeleceu um território referência para a cultura do maracatu rural, do cavalo-marinho e do forró com rabeca. Outro mestre de maracatu é Antônio Baracho, que saiu da Zona Rural para a Região Metropolitana, e compôs a canção “Quem me deu foi Lia”. A música se transforma num hino da ciranda e promove o surgimento da artista Lia de Itamaracá, que hoje faz parte de um circuito nacional e internacional da música tradicional sem fronteiras.

Manguebeat

Tal como o Movimento Armorial, iniciativa artística e cultural fundada em 1970, o Manguebeat também conversou com as culturas populares. Mas, se do primeiro diálogo se pretendia uma arte sofisticada, erudita e universal, no Manguebeat os artistas populares foram descortinados para toda uma geração que ainda não os tinha visto ou ouvido falar. Nesse movimento, a miscigenação entre rap, rock, soul, samba, coco e maracatu ativa nas artes sua força ancestral e política.



Em reconhecimento ao trabalho de combate à fome, as Nações Unidas deram o título de “Cidadão do mundo” ao sociólogo Josué de Castro, o que também deu nome à canção homônima de Chico Science e Nação Zumbi. Essa música ilustra um dos principais eixos sob o qual se ergue e se expande o Mangubeat. Para além de sua força simbólica e criativa, a vanguarda artística e cultural desse movimento está em denunciar mazelas, opressões e problemas sociais como a fome, a desigualdade, o desemprego e a violência policial.

Música de fronteira

O pesquisador, escritor e etnomusicólogo pernambucano Climério Oliveira, autor do livro *Frevo, transformações ao longo do passo*, cunha o termo “produção de fronteira” para designar “músicas e performances que processam misturas de elementos identificadores de diferentes gêneros musicais”. Enquanto um determinado gênero musical tem um padrão, uma forma e uma convenção, a música de fronteira é uma experimentação.

Ilustrando esse frevo de fronteira, Pernambuco tem visto surgir propostas inovadoras e revolucionárias, como a música que está sendo criada pelo jovem instrumentista, arranjador e compositor Henrique Albino. Absorvendo diversas influências, Henrique cunhou o termo “música tronxa”, com X, para eliminar sua conotação negativa e designar uma produção musical

mais complexa e desafiadora tecnicamente. Trata-se de um artista que, ao absorver conhecimentos e influências diversas, cria algo novo, que para muitos pode soar estranho, por vezes incômodo, mas também pode ser exaltado pelos que entendem a música, e mesmo a tradição, como algo que reflete o próprio fluxo da vida: mutante.

A cantora Surama Ramos exerce uma influência significativa ao emprestar a sofisticação de sua voz a projetos contemporâneos e populares. Sua performance amplia as possibilidades criativas e estéticas da música popular, sendo uma referência para esta música fluida e sem fronteiras.

A coquista olindense Mãe Beth de Oxum, que produz o samba de coco de umbigada ao lado dos filhos e do marido Quinho Caetés, nos fala ainda de um fazer ancestral, decolonial e antirracista. Uma música que nos leva para além da festa e da celebração, nos convidando para uma comunicação com o sagrado e a busca por uma musicalidade vinculada aos ensinamentos dos orixás, tão presentes nos cultos nagôs de Pernambuco, que também nos deram os afoxés.

Diversidade, criatividade, resistência, ancestralidade, tradição e contemporaneidade são apenas algumas das palavras-chave que nos ajudam a compreender a riqueza de símbolos e bandeiras presentes na música pernambucana.

Mãe Beth de Oxum

Das mãos da percussionista Beth de Oxum, mestra coquista e iyalorixá do Ilê Axé Oxum Karê, e de um tambor ancestral da casa do músico Quinho Caetés, nasceu o coco de umbigada. Desde sua fundação, o grupo vem ampliando seu alcance a partir do bairro de Guadalupe, na periferia do Sítio Histórico de Olinda, onde mantém sua base comunitária forte e atuante. O projeto é um movimento de música tradicional e resistência, unindo tambores e percussões afro-indígenas para fazer a dança da umbigada, abordando pautas urgentes para as periferias negras. O primeiro disco, *Tá na hora do pau comer*, de 2017, levou o grupo para uma turnê internacional, que passou pela Alemanha, Áustria e Suíça.

Maria Elizabeth Santiago teve desde cedo ligação com as casas de candomblé, onde a música entrou em sua vida de maneira revolucionária, desafiando o tabu de mulheres tocarem instrumentos. Foi nos grupos percussivos e nos afoxés que iniciou sua trajetória, fazendo soar os batuques que a levariam ao encontro de Quinho Caetés. Músico, rastafári, “mais espírito que gente” na definição de Beth, Quinho havia herdado de seus avós uma antiga zabumba. O instrumento, que marcara festas de coco de gerações passadas, estava silenciado, em um canto da casa.

É em torno dessa zabumba que começa a trajetória artística que vai unir Beth de Oxum, marido e filhos em torno de um mesmo projeto musical. No São João de 1998, ela e Quinho Caetés decidem fazer o tambor de macaíba da família voltar a falar. “Criamos um espaço de celebração e difusão da história do coco e de várias culturas e grupos das culturas populares. Juntamos todos na mesma roda, fortalecendo a brincadeira e o território”, reflete a percussionista.

Chegar em um dia de coco ao Beco da Macaíba, onde está a casa da família de Beth de Oxum, é testemunhar uma festa que vai além dos corpos negros que dançam a umbigada, com movimentos sinuosos e sincopados. O coco de umbigada é uma celebração da ancestralidade de uma comunidade negra e também a culminância festiva de um processo maior de aprendizagem, inclusão e formação contínua que o grupo fomenta.

As letras e falas de Beth de Oxum, na batida ritmada do coco, constroem um potente discurso pela valorização da cultura popular, pelo respeito às religiões de matriz africana, pelos direitos dos jovens da periferia de criarem suas próprias narrativas e pela comunicação popular.





Surama Ramos*

Dona de uma voz versátil, destaque por onde passa desde criança, quando cantava na igreja, reunindo suas primeiras referências musicais. Mais tarde, escolheu a atividade como profissão, o que a levou a cursar canto lírico e música, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Essas experiências abriram as portas de óperas, corais populares, como o grupo Voz Nagô, idealizado por Naná Vasconcelos, e projetos inovadores, como a Orquestra Contemporânea de Olinda.

A partir do conhecimento técnico acumulado, Surama vai além das convenções e também atua como preparadora vocal, arranjadora vocal, compositora e instrumentista, aplicando uma leitura musical moderna para as suas heranças culturais.

Baseada nessa proposta, a pernambucana é líder do Quinteto Surama Ramos, um grupo feminino de música afrocontemporânea, que reconecta a cantora a sua ancestralidade.

Entre seus trabalhos está o duo formado com Henrique Albino, com quem lançou o disco “SH” em 2024, rompendo com paradigmas musicais e modernizando a cena brasileira, além de cristalizar a longa parceria com o músico dentro e fora dos palcos.

Henrique Albino*

Multi-instrumentista, compositor e arranjador, Albino vem se consolidando como referência experimental pela originalidade da sua obra, em que se destaca o álbum solo *Música tronxa* (2021). O título grafado com X ressignifica o termo e dá nome ao conceito criado pelo pernambucano para se referir a sons excepcionais e desafiadores.

Essa busca pelo singular está em todos os arranjos que o virtuoso faz para trabalhos que vão desde orquestras sinfônicas até as de frevo. Logo, Albino vem criando a vanguarda musical na ponte entre o erudito e o popular e atraindo diversos artistas, como Elza Soares, Elba Ramalho, Spokfrevo Orquestra e Amaro Freitas, com os quais já colaborou.

* Textos escritos por Camila Estephania, jornalista em atuação na área de música há mais de dez anos.

Ficha técnica:

Mãe Beth de Oxum: voz, percussão e composições

Surama Ramos: voz, ganzá, escaleta, composições e figurino

Henrique Albino: direção musical, arranjos, voz, sintetizadores, saxofone, flauta e beats eletrônicos

Alice lalodê: percussão e voz

Mestre Quinho Caetés: percussão

Iara Campos: produção

Márcio Torres: engenharia de áudio



ALAGOAS

CHAU DO PIFE E ANDRÉA LAÍS



As raízes e os frutos sonoros de Chau do Pife e Andréa Laís: encontro de gerações revela riqueza da música alagoana

Diogo Braz⁵

A música de cada geração floresce provida de suas raízes, personificadas em artistas mais experientes, que também inalam o perfume dos ritmos dos músicos mais novos. É um processo cíclico, que conecta pessoas e simboliza a cultura de territórios e o espírito do tempo. Quando Chau do Pife e Andréa Laís se encontram, a diferença geracional não é uma barreira, mas um elemento a favor da arte. Ambos são fluentes na linguagem musical, são generosos no processo criativo e têm prazer em fazer música juntos.

O primeiro encontro aconteceu em 2012, quando Chau do Pife fez uma participação especial no show *Sincopando Jacinto Silva*, de Andréa Laís. Plantou-se, então, a semente de uma bela amizade, que fez brotar a vontade de trabalharem juntos de novo. Regaram esse projeto e festejaram o crescimento artístico um do outro: Mestre Chau foi reconhecido Patrimônio Vivo de Alagoas e Andréa Laís se firmou como uma das mais celebradas artistas da nova geração da música alagoana.

O reencontro deles dá vida a um espetáculo que é a sobreposição do tradicional e da novidade, e pode servir como um retrato do percurso da música alagoana, de Chau a Andréa. Essa imagem aponta para um futuro promissor, repleto de símbolos, da diversidade própria de Alagoas, uma terra que é profusão cultural, e não se resume em

⁵ Nascido em Maceió, é jornalista, mestre em Administração Pública, produtor cultural, compositor e músico. É produtor cultural na Universidade Federal de Alagoas (UFAL).



apenas um estilo, uma linguagem ou uma imagem. Alagoas é prolífica, culturalmente rica, e um de seus tesouros é a capacidade que seus artistas têm de expressar o cotidiano como um camaleão, cuja aparência é preenchida por seu ambiente.

Chau do Pife carrega a tradição das bandas de pífano do Nordeste, atualiza e eleva o instrumento a outro nível de compreensão e execução. Andréa Laís mergulhou num processo de autoconhecimento para trazer à luz uma música cheia de referências a sua ancestralidade nordestina, mesclando ritmos regionais, ambiências e instrumentação eletrônica. Ambos trazem o território como elemento forte de sua arte, homenageando as gerações que passaram e abrindo portas para as gerações que virão.

Sob a direção musical de Cassius Cardozo e com o acompanhamento do sanfoneiro Irineu Nicácio, Chau e Andréa abraçaram um processo colaborativo que gerou a composição “Chão do Chau”, uma declaração de amor pela sua terra. Se o ofício do músico é plantar suas canções, com a fé de que a colheita será feita pelo público, por sucessivas épocas, onde quer que seja, o fruto sonoro do encontro entre Chau do Pife e Andréa Laís serve como um testemunho afetuoso para as futuras gerações de que tudo está conectado pela música.

Chau do Pife

O sopro de Chau do Pife dá vida a um universo sonoro sofisticado, que traduz a alma nordestina em toda a sua intuitividade e sua complexidade. Nascido em Boca da Mata, interior de Alagoas, filho de um agricultor e tocador de pífano (ou pife), descobriu sua paixão pela música ainda criança, quando recebeu a missão de espantar os pássaros do milharal da família apitando um pedaço de taboca com dois furos. Despertou a atenção do pai e ganhou um pife de seis furos, e foi apenas o começo dessa história, que o levou da pequena roça às feiras livres, aos palcos, aos braços do público.

Ele é considerado um dos mais influentes instrumentistas alagoanos. Não é à toa que Chau carrega o Pife no nome. Suas composições não apenas ajudaram a manter a tradição do instrumento, mas ampliaram seus horizontes, colocando-o como protagonista versátil de uma música autenticamente popular, que encanta pela aparente simplicidade, com melodias refinadas em arranjos bem costurados, como se pode ouvir nos álbuns *Memória dos pássaros* (2001), *Ninguém anda sozinho* (2006), *Chau no capricho* (2010) e *Meu pife, meu amigo* (2018).

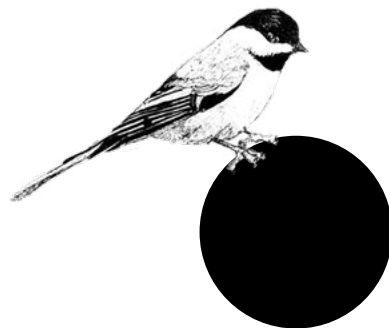
Ao dialogar com o forró, a MPB e o jazz, com instrumentos elétricos e artistas da nova geração, Chau areja o repertório das tradicionais bandas de pífano e, como mestre que é, ensina que é possível dar ares contemporâneos para seu sopro sem perder o acento da cultura popular e dos saberes tradicionais.

Andréa Laís

As raízes de Andréa Laís estão fincadas em diversos cantos do Nordeste. Nasceu em Pernambuco, mas foi em Alagoas que se descobriu cantora e na Bahia que encontrou sua verdadeira voz, plena de sua ancestralidade, dos afetos e laços com sua terra e com a música que pulsa em seu peito.

Desde sua estreia nos palcos, em 2009, vem atraindo o interesse do público pelo talento e pela sensibilidade de sua interpretação, o que lhe rendeu prêmios e reconhecimento, especialmente em Alagoas. Seu debut fonográfico em 2017, *Solar*, foi recebido com elogios pela crítica, navegando pelas águas de uma MPB ainda pouco marcada pela regionalidade.

Em Salvador, cursou doutorado em Sociologia, e o período longe de casa a fez aproximar-se de suas origens e se reconectar com sua alagoanidade e as tradições culturais da região. Nesse processo, estudou na renomada Escola Baiana de Canto Popular, integrou a banda MesaSonora e conheceu o produtor musical Cassius Cardozo, com quem começou a compor e criar seu segundo álbum lançado em 2021, *Presença*, um mergulho profundo do mar ao sertão, que propõe uma experiência ritual mística e ancestral, numa ousada investigação sonora que mescla ritmos regionais tradicionais, ambiências e instrumentação eletrônica, com temas que versam sobre o que é ser jovem, mulher, nordestina e humana. Assim, Andréa Laís encontrou dentro de si e de suas raízes um canto universal, capaz de emocionar em qualquer canto da Terra.



Ficha técnica:

Chau do Pife: pife e composições

Andréa Laís: voz e composições

Irineu Nicácio: sanfona

**Cassius Cardozo: direção musical,
percussão, beats e programações**

Caji: técnico de som

Alana Barros: produção

DISTRITO FEDERAL

FERNANDO CÉSAR E TIAGO TUNES





O choro: da Lapa ao Planalto Central

Ivaldo Gadelha⁶

Brasília foi erguida em um lugar que muitos acreditavam ser o nada. Ainda assim, não foram poucas as pessoas que, na década de 1960, aventuraram-se em habitar a nova capital do país. Levaram na bagagem sonhos de uma vida nova e próspera, e uma parte deste contingente era formada por funcionários públicos oriundos, em sua maioria, do Rio de Janeiro. Para quem conhece um pouco a história social do choro, este fato já indica a possibilidade de esse gênero musical desenvolver-se em Brasília, uma vez que, nascido no Rio de Janeiro, era praticado pela classe média associada ao funcionalismo público.

Com a vinda da maior parte da máquina administrativa do governo federal em Brasília, estavam lá também os músicos ligados ao choro. São eles, em boa medida, os pioneiros do choro no Planalto Central. Podemos destacar Pernambuco do Pandeiro, Avena de Castro, Raimundo Brito, Hamilton Costa, Ely do Cavaco, Bide da Flauta, Waldir Azevedo, Neusa França, Celso Cruz, João Tomé, Cincinato Simões, José Américo, entre outros. No correr dos anos, alguns retornaram para seu estado de origem e outros fincaram raízes, como o violonista José Américo de Oliveira Mendes, militar da Marinha, que foi para Brasília em 1977, pai de dois grandes nomes do choro contemporâneo: o bandolinista Hamilton de Holanda e o violonista Fernando César.

A considerar pelos primeiros chorões do Planalto Central, o choro chega muito bem representado. Embora não tenha havido nenhum esforço oficial para implantar uma tradição musical (apesar de Juscelino Kubitschek ter sido apreciador de serestas, e fizesse questão

⁶ Pesquisador, clarinetista e chorão. Bacharel em Clarineta, pós-graduado em Gestão Cultural e mestre em Musicologia pela Universidade de Brasília (UnB), possui diversos artigos e textos publicados sobre o gênero musical choro.

da presença de bons músicos nas festas que promovia), a vinda de funcionários públicos trouxe importantes pedaços do choro carioca para Brasília. Como ímãs que se atraem, esses músicos, com distintas origens, formações e histórias de vida, realizaram encontros musicais. O choro em Brasília surge, então, como uma colcha de retalhos; não com um regional consolidado, como os que já existiam no Rio de Janeiro, mas a partir da reunião dos músicos disponíveis. Porém, eram retalhos dos mais finos tecidos, que deram origem a uma colcha bela e resistente.

No início dos anos 1970, os chorões se encontravam para tocar em hotéis e bares da cidade e na própria Rádio Nacional de Brasília. Curiosamente, a pedido do próprio presidente Juscelino Kubitschek, o artista Inácio Pinheiro Sobrinho, ou simplesmente Pernambuco do Pandeiro, um dos mais importantes pandeiristas da era do rádio, montou o primeiro regional de choro para atuar como grupo fixo na recém-inaugurada Rádio Nacional de Brasília. Foi um dos poucos regionais de choro liderados por uma pandeirista, tamanho prestígio de Pernambuco do Pandeiro.

Os encontros dos primeiros chorões de Brasília aconteceram também por muito tempo na casa da professora e flautista Odette Ernest Dias, que a pedido do então reitor da Universidade de Brasília (UnB), Darcy Ribeiro, aportou na capital para assumir o cargo de professora de flauta na instituição. Em 1974, chegaram a Brasília rumores de que um clube de choro seria fundado no Rio de

Janeiro; o valente grupo pioneiro iniciou, então, um movimento no sentido de fazer o mesmo no Planalto Central. Em 1975, foi inaugurado, de fato, o Clube do Choro do Rio de Janeiro. A partir de então, mesmo sem sede, sem estatuto e sem existência oficial, o grupo de chorões de Brasília já era chamado de Clube do Choro.

Em 1977, o então governador do Distrito Federal, Elmo Serejo Farias, destinou ao Clube do Choro o local de sua sede, entre a Torre de TV de Brasília e o Centro de Convenções Ulysses Guimarães. A edificação havia sido construída para servir de vestiário do Centro de Convenções, mas nunca teve essa utilização. As instalações eram precárias, mas, a partir de esforços e doações de seus membros, os encontros dos chorões passaram a ser realizados ali, e o espaço físico foi inaugurado com a edição de seu estatuto. Após passar por diversas fases, a sede do Clube do Choro de Brasília foi revitalizada em 2011, com um projeto de Oscar Niemeyer, e recebeu o nome Complexo Cultural do Choro. Trata-se de uma edificação no centro da capital, composto por uma grande sala para shows, área externa com palco, uma cafeteria-bar e a Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello, inaugurada em 1998. A escola é uma referência nacional quando o assunto é ensino e aprendizagem de choro, somando-se ao clube, sem dúvida, se mostra um dos maiores responsáveis pelo enraizamento e pelo desenvolvimento do gênero na cidade.

Seis décadas se sucederam após a chegada dos pioneiros ao Planalto Central. Muita coisa mudou, a cidade da poeira e da lama transformou-se em Patrimônio Cultural da Humanidade e o choro alçou voos para os quatro cantos do mundo. Certamente, os pioneiros não imaginavam que a cidade sonhada por Dom Bosco se transformaria num dos maiores polos irradiadores de choro do Brasil. O cenário contemporâneo do choro em Brasília, como tudo que diz respeito a esta cidade, é diversificado, porque artistas e grupos surgem a todo instante, com diferentes sotaques, estilos e influências.

Fernando César

Apresentou-se pela primeira vez junto a seu pai, José Américo, e seu irmão, Hamilton de Holanda. Por vinte e um anos, foi professor de violão na Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello. A carreira de Fernando César é formada em completa imbricação à cena do choro brasileiro; é a partir dela, e em diálogo com as referências de grandes instrumentistas de outras localidades, que César se forma violonista de sete cordas, arranjador e compositor. O artista cria grupos, propõe a articulação do choro com outros gêneros musicais e se dedica à preservação, à inovação e à difusão do choro.

Tiago Tunes

O músico teve seu primeiro contato com o bandolim aos sete anos, incentivado pelas rodas de choro de Brasília. Ao longo de sua carreira, fez apresentações ao lado de artistas como Hamilton de Holanda, Gabriel Grossi, Bebê Kramer, Cainã Cavalcante, Rogério Caetano e Fernando César. Fora do Brasil, já passou pela França e pela Suíça. Tem dois trabalhos lançados como artista principal, os discos *Tiago Tunes* e *Indo a pé*, além de ter atuado em trabalhos de outros músicos, e possuir composições de sua autoria registradas por artistas brasileiros. Foi premiado nas categorias de melhor arranjo e melhor música instrumental no Festival de Música da Rádio Nacional FM, com a composição “Estação do choro”, em 2021.

Ficha técnica:

Fernando César: violão de sete cordas

Tiago Tunes: bandolim de dez cordas

Lene Black: percussão

MATO GROSSO DO SUL

**GERALDO ESPÍNDOLA E
MARCELO LOUREIRO**



Saudações pantaneiras

Rodrigo Teixeira⁷

De um lado, um menestrel do Pantanal. Do outro, um multi-instrumentista fronteiriço. O resultado dessa rara união é o espetáculo *Saudações pantaneiras*. O show que o Sesc leva para os palcos brasileiros reúne Geraldo Espíndola e Marcelo Loureiro, dois dos maiores expoentes da música contemporânea do Centro-Oeste brasileiro. Juntos, eles apresentam uma sonoridade que reflete o Brasil sul-mato-grossense, cuja estética é única dentro do cenário musical do país.

Mato Grosso do Sul tem uma ampla produção musical desde os anos 1950, quando o estado se tornou palco para o surgimento de artistas dos mais variados gêneros, como sertanejo, samba, rock, blues, jazz, erudito, rasqueado, rap, reggae e forró. Alguns dos representantes da linhagem de compositores são Geraldo Espíndola, Almir Sater, Paulo Simões e Geraldo Roca, que mistura elementos regionais com influências da música pop, chegando à chamada “moderna música popular urbana sul-mato-grossense”. Já Marcelo Loureiro segue a tradição da música instrumental de Mato Grosso do Sul, gênero que produziu em 1960 e 1970 nomes como Zé Corrêa e Dino Rocha e bebe da fonte sul-americana.

Geraldo Espíndola constrói, desde o fim da década de 1960, uma obra que o qualifica como um dos compositores mais originais da música popular brasileira. Em suas canções, o músico expressa o jeito de ser sul-mato-grossense, que traduzem os costumes, o modo de viver, as lendas, os cenários, a fauna e a flora de Mato Grosso

⁷ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), tem vasta experiência com jornalismo. É autor de *Grupo Acaba: a história dos cantadores do pantanal*, *Os pioneiros: a origem da música sertaneja de Mato Grosso do Sul* e *Prata da casa: um marco da música sul-mato-grossense*.

do Sul. Já Marcelo Loureiro mergulha na latinidade desde 1997, quando começa a carreira profissional como violonista e depois transforma-se em multi-instrumentista, influenciado principalmente pelo chamamé argentino e pela polca paraguaia, gêneros amplamente consumidos pela população de Mato Grosso do Sul.

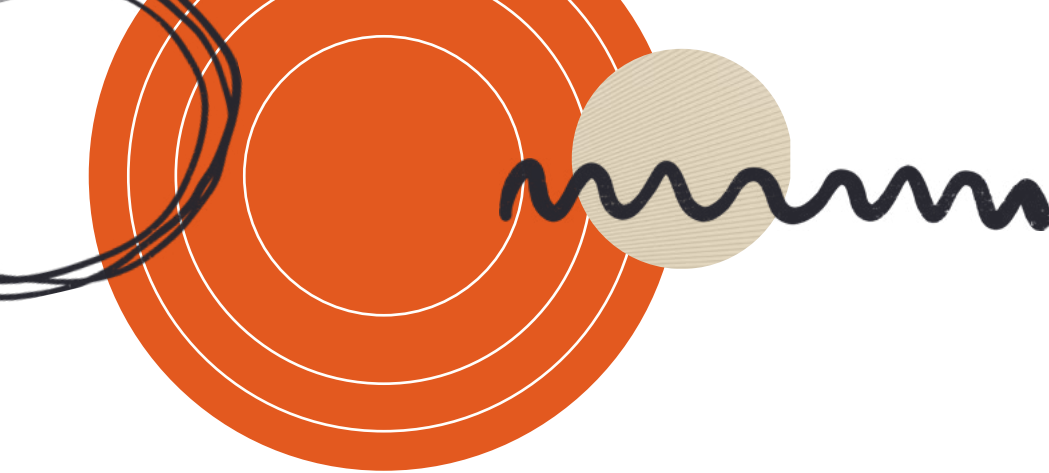
Saudações pantaneiras é uma oportunidade de ouvir músicas icônicas de Geraldo Espíndola com novos arranjos de Marcelo Loureiro, que assina a direção musical do espetáculo. O repertório do show traz grandes sucessos de Geraldo, além de versões instrumentais sofisticadas de Loureiro para temas como “Pantanal”, de Marcus Viana, “Mi dicha lejana”, de Emigdio Ayala Báez, e “Cascada”, de Dino Garcia. Enquanto Geraldo apresenta composições que representam uma vertente única no cenário musical brasileiro, Marcelo surpreende com uma performance visceral em instrumentos de cordas tão díspares como o violão, a viola caipira, o charango e a harpa paraguaia. *Saudações pantaneiras* revela a música de um Brasil de dentro que está mais próximo do Pacífico do que o Atlântico.

Geraldo Espíndola

Geraldo Cristóvão Miranda Espíndola nasceu em Campo Grande, é filho de Alba e Francisco e iniciou sua trajetória nos festivais estudantis no fim da década de 1960. Com cinquenta e seis anos de carreira completados em 2024, ele é um compositor que reflete o Brasil profundo, e sua obra é fundamental para entender a contemporaneidade do país.

O menestrel campo-grandense é autor de centenas de canções que traduzem o jeito de ser sul-mato-grossense, entre elas as icônicas “Cunhataiporã”, “Quyquyho”, “Na solidão do caipira”, “Raça das matas”, “Forasteiro” e “A fonte de ilusão”. Geraldo tem em sua discografia nove discos lançados e composições gravadas por Zeca Baleiro, Tetê Espíndola, Almir Sater, Gilberto Corrêa e a dupla João Pedro & Cristiano, entre outros. Uma de suas canções mais famosas é “Vida cigana”, que recebeu versões de diversos artistas, como Raça Negra e José Augusto.

As canções de Geraldo misturam português, espanhol e guarani e abordam temas sensíveis como o meio ambiente, a ancestralidade indígena e a relação pulsante entre brasileiros, paraguaios e bolivianos na fronteira sul-mato-grossense. Compositor símbolo do Centro-Oeste brasileiro, construiu uma carreira internacional de prestígio, com apresentações na Espanha, na Alemanha e na França, assim como uma turnê na Tunísia e shows no Paraguai e na Bolívia.



Marcelo Loureiro

Marcelo Loureiro da Rocha nasceu no Rio de Janeiro, e, aos onze anos, foi morar em Guia Lopes da Laguna, no interior de Mato Grosso do Sul. Ganhou do avô materno o primeiro violão e logo se sentiu atraído pela música fronteira presente em todos os cantos da cidade muito próxima ao Paraguai. Durante a década de 1990, Marcelo intensificou os estudos musicais e começou a se destacar como violonista sul-mato-grossense.

O instrumentista, descendente de mineiros, argentinos e paraguaios, lançou o disco solo *Alma platina* em 2003, em que revisa temas clássicos sul-americanos. No decorrer dos anos 2000, Marcelo se estabeleceu como um dos principais nomes brasileiros do violão, ligado aos gêneros do chamamé argentino e da guarânia e da polca paraguaia. Ele também é influenciado pelas harmonias do jazz, pela escola do violão flamenco espanhol e pela música brasileira. Misturando todas essas vertentes, Marcelo chegou a um estilo próprio.

Nos últimos anos, o artista decidiu ampliar seu leque de instrumentos e passou a tocar viola caipira. Assim, venceu a segunda edição do *Voa Viola* como melhor instrumentista. Marcelo também aprendeu a tocar harpa paraguaia, assim como outros instrumentos, como o charango e o bandoneón. Estudioso da tecnologia, ele mescla a sonoridade de todos os instrumentos a timbres vindos de pedais e sistemas MIDI, resultando em uma marca identificável logo nos primeiros compassos de suas apresentações, que já rodaram a América do Sul, os Estados Unidos e a Europa.

Ficha técnica:

Marcelo Loureiro: direção musical, arranjos, violão, charango, harpa paraguaia e viola caipira

Geraldo Espíndola: voz e violão

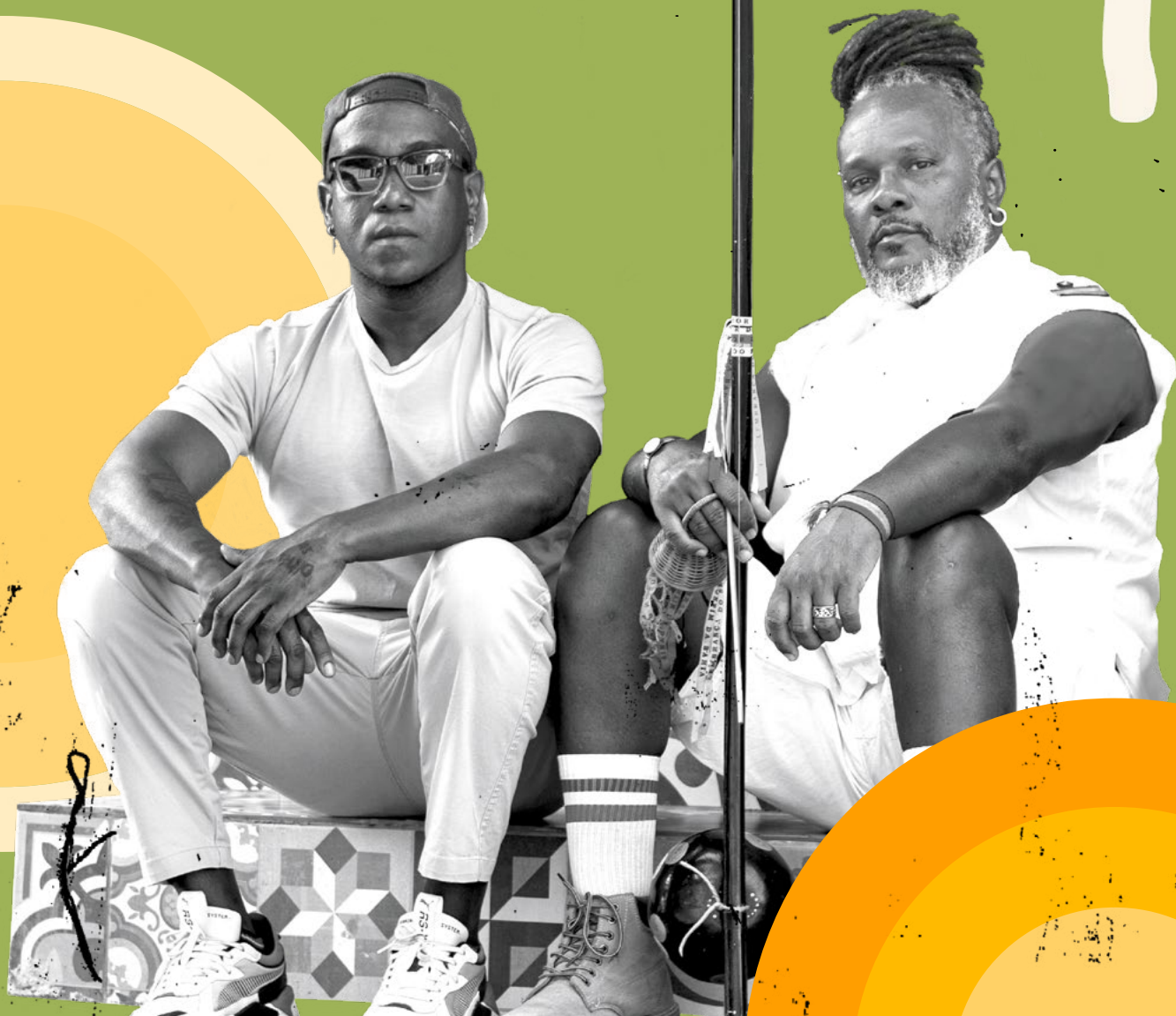
Vinicius Pereira da Rosa: violão

Vanderson Ferreira Rodrigues: roadie e produção local

Antenor Pereira Filho: técnico de som

MINAS GERAIS

MESTRE NEGOATIVO E DOUGLAS DIN



Territórios da margem e conexões atemporais

Roger Deff⁸

Territórios são espaços geográficos com seus hábitos, narrativas e construções culturais próprias. A favela, neste sentido, segue à margem, apartada das grandes narrativas e paisagens oficiais do espaço urbanizado. Ocupada em sua maioria por descendentes de africanos escravizados, a periferia como um todo não tem sua história contada por meio da prática ocidental da escrita, pelo menos não com a densidade devida, uma vez que, nos poucos casos, quem teve a possibilidade de publicar registros escritos sobre as favelas não pertencia àquele lugar, abordando-a sob um ponto de vista distanciado.

A profundidade vem de quem pode abordar essa vivência com propriedade, através da escrita, como no clássico *Quarto de despejo*, de Carolina de Jesus, e através da música, por meio de diversos artistas oriundos das periferias. A música da diáspora negra no Brasil constitui o principal registro da história dos afrodescendentes no país e contribuiu para a legitimação das favelas enquanto território potente, afirmando seu lugar de identidade e de construção cultural imprescindível para o que somos enquanto sociedade. É deste lugar que surgem artistas como Mestre Negoativo e Douglas Din, ambos representantes das ressignificações musicais de matriz africana em solo brasileiro, cada um criado em uma comunidade específica de Belo Horizonte, com caminhadas que se iniciam em tempos distintos.

As trajetórias de ambos os artistas são marcadas por construções a partir de referências locais e globais, distintas entre si, mas com

8 Rapper, mestre em Artes pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), especialista em Produção e Crítica Cultural e graduado em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica (PUC). Lançou os álbuns *Etnografia suburbana*, *Pra romper fronteiras* e *Alegoria da paisagem*.

diversas similaridades também, entre elas o fortalecimento da identidade de uma juventude negra, urbana e periférica. São movimentos que dizem muito sobre a ressignificação dos territórios e seus respectivos tempos, cada um à sua maneira. O encontro entre eles materializa uma conexão que transcende o tempo, alinhavada pela narrativa oral dos griôs (contadores de histórias) que se faz presente nos versos do rap e nas canções do soul, no ritmo proveniente das batidas dos beats e dos tambores. Esta amálgama rítmica e lírica reforça a territorialidade e a ancestralidade presentes em suas obras, formadas por fragmentos de uma África reconstruída culturalmente em outras terras, e dá destaque a uma Belo Horizonte pouco difundida no imaginário: a cidade do soul, dos tambores, da capoeira, do hip-hop, dos poetas urbanos e das vilas e favelas, que são grandes e potentes centros de produção cultural, de onde a música de matriz africana ecoa.

Mestre Negoativo

Ramon Lopes, conhecido como Mestre Negoativo, é ativista cultural e capoeirista, pesquisador das tradições afro-mineiras de origem bantu, principalmente o vissungu, além de fundador do Centro Cultural Lamparina, autor do livro *Capoeiragem no país das Gerais* e diretor dos documentários *Lamparina, bantus nas Minas Gerais* e *O reencontro das cordas ancestrais*, gravado no Senegal, na África.

Originário da comunidade de Maria Goretti, situada na região nordeste da capital mineira, ele cresceu rodeado pela cultura afro-brasileira, na capoeira e na celebração ancestral dos terreiros, além dos bailes blacks, como o saudoso e lendário Máscara Negra. Essas influências foram fundamentais para que o artista fundasse a banda Berimbrown, trabalho que ganhou projeção nacional com seu “congopop”, uma mistura de funk, reggae, samba, congada, folia de reis e soul music, promovendo a mescla da sonoridade do berimbau e dos tambores afro-mineiros com o funk de James Brown, dividindo palcos e estúdios com artistas como Gerson King Combo, Sandra Sá e Milton Nascimento. Mestre Negoativo desenvolve pesquisas sobre o arco musical, o berimbau de barriga, seus processos históricos e as transformações da musicalidade de matriz africana na transição para o século XXI.





Douglas Din

Douglas Nascimento da Silva, conhecido como Douglas Din, é uma das grandes referências do rap produzido em Belo Horizonte. Foi criado no Aglomerado da Serra, mais precisamente na Vila Santana do Cafezal, zona sul de Belo Horizonte.

Aos dezesseis anos, foi convidado por amigos de escola para montar um grupo de rap e, em um dos encontros, aprendeu sobre a arte do freestyle. Curioso, pesquisou sobre a prática dos improvisos nos vídeos do rapper Emicida. Nessa época, Din conheceu o Duelo de MCs, em que se tornou um dos MCs mais ativos das batalhas realizadas no Viaduto Santa Tereza, além de campeão do Duelo de MCs Nacional de 2012 e 2013, ganhando reconhecimento como um dos maiores MCs de freestyle do país e tornando-se uma grande influência para artistas do mesmo eixo Brasil afora.

O hip-hop surgiu para Douglas como cultura que o conecta a uma diáspora negra transnacional, ampliando seus horizontes e espaços ocupados na cidade e para além dela. O rapper tem três álbuns lançados: *Causa mor* (2014), *Ensurdecador* (2015) e *#CMJ* (2019), além de diversos singles. Versátil, ele transita por outros gêneros, como o blues e o samba, e foi convidado por Sérgio Pererê para integrar o espetáculo *Bala da palavra*, no qual artistas negros fizeram releituras de clássicos da MPB.

Ficha técnica:

Mestre Negoativo: vocal

Douglas Din: vocal

Thiago Guedes: guitarra

Emílio Dragão: baixo

Aruanã do Amaral: bateria

Cici Floresta: percussão

Marcela Rodrigues: vocais

Isaac Vinicius Ferreira da Silva: técnico de som

RIO DE JANEIRO

CHARLLES ANDRÉ E LUCIANE DOM



Uma jornada amorosa pelas sonoridades negras e suburbanas cariocas

Kamille Viola⁹

As sonoridades da zona norte da cidade do Rio de Janeiro são a ligação entre os trabalhos de Luciane Dom e Charles André, um dos artistas que representam o Sudeste na edição 2024/2025 do Sonora Brasil. Ele, compositor de importantes sucessos do pagode romântico; ela, nome em ascensão da nova geração da MPB. Juntos, eles criaram o show *Amor, tempo e território*, em que apresentam músicas dos repertórios de ambos, clássicos da música brasileira e uma nova canção, composta em conjunto, o samba pop “Rota dos amores”.

Charles, cinquenta e dois anos, e Luciane, trinta e quatro, se encontraram depois que a cantora conheceu Charles Jr., também compositor e filho do artista. Dezoito anos separam os dois, mas é nas ruas, quadras, festas de bairro e demais espaços ocupados pela música no subúrbio carioca que suas trajetórias se entrelaçam. Nascida em Paraíba do Sul, na Serra Fluminense, a cantora, ao se mudar para o Rio de Janeiro, foi morar em Madureira, um dos epicentros da música negra contemporânea na cidade. Muitas de suas influências são as mesmas de Charles, nascido em Guadalupe.

Uma dessas referências musicais inclui o próprio Charles André, nome importante do pagode romântico, autor de sucessos como “Mina de fé” (gravada por seu então grupo, Os Morenos) e “Tanajura” (registrada pelo Negritude Júnior), tendo integrado as bandas Molejo, como baixista, e, em seguida, Os Morenos, como músico e vocalista.

⁹ Jornalista, pesquisadora musical e escritora. Escreveu os livros *África Brasil: um dia Jorge Ben voou para toda a gente ver*, finalista do Prêmio Jabuti em 2021, *1979: o ano que ressignificou a MPB* e *De tudo se faz canção: os 50 anos do Clube da Esquina*.

Com grande êxito comercial, o gênero emergiu no fim dos anos 1980, tendo origem em um movimento do samba batizado de pagode, que, por sua vez, havia surgido ao término dos anos 1970.

Foi naquela década que a cantora Beth Carvalho se encantou por uma roda de samba na quadra do tradicional bloco de Carnaval Cacique de Ramos. Acompanhada por alguns desses músicos responsáveis por introduzir no gênero o tantã, o repique de mão, que foi criado por Ubirany, e o banjo com braço de cavaquinho, uma invenção de Almir Guineto, ela gravou o álbum *De pé no chão* em 1978. Pouco depois, saiu pela mesma gravadora, a RGE, o álbum *Samba é no fundo de quintal*, apresentando o grupo formado por aqueles mesmos músicos, o Fundo de Quintal, que na época reunia Bira Presidente, Ubirany, Sereno, Neoci, Almir Guineto, Jorge Aragão e Sombrinha. Arlindo Cruz seria outro grande nome a passar pela banda.

O novo jeito de se tocar samba, um estilo marcado por um refrão, ou “primeira”, e versos improvisados, muito influenciado pelo partido-alto, passou a ser chamado de pagode — que, originalmente, era sinônimo para uma festa regada a samba —, e diversos compositores do gênero, muitos deles gravados por Beth, começaram a ganhar espaço na grande imprensa e nas casas de

show renomadas da cidade. Zeca Pagodinho, Bezerra da Silva, Jovelina Pérola Negra, Almir Guineto e Jorge Aragão foram os principais nomes. Porém, por pressão do mercado, alguns pagodes começaram a incorporar instrumentos que não faziam parte do samba, como o teclado e sonoridades que se aproximavam do pop.

Pouco a pouco, surgiu uma nova vertente, sobretudo nas periferias de São Paulo, tendo o grupo Raça Negra como um de seus precursores, e do Rio de Janeiro. Embora o som se distanciasse do pagode como era conhecido, ele era uma de suas influências. Não à toa, dois importantes grupos dessa nova vertente faziam referência àquela geração: o mineiro Só pra Contrariar, batizado a partir de uma famosa música do Fundo de Quintal composta por Arlindo Cruz, Sombrinha e Almir Guineto, e o paulista Art Popular, que faz referência a um verso de “Coisa de pele”, de Jorge Aragão (assinada por ele e Acyr Marques).



Outras referências eram o R&B, dos Estados Unidos, em alguns casos inclusive nos figurinos e coreografias, e a batida samba rock de Jorge Ben Jor — não por coincidência, uma das bandas mais famosas do gênero gravou o “Samba rock do Molejão”. As letras, com frequência abordando relacionamentos, levaram o movimento a ser batizado de pagode romântico. O sucesso foi enorme e se estendeu pela década seguinte, porém, o gênero sempre foi duramente criticado, acusado de ser apenas comercial.

Trinta anos depois da explosão do gênero, ele parece ter sido redimido pelo tempo. Alguns dos grandes nomes do pagode romântico se lançaram em turnês comemorativas com shows esgotados pelo Brasil, como é o caso do grupo Soweto, que entrou em turnê com o ex-integrante Belo, e o Só pra Contrariar, que realizou uma série de shows em grandes arenas com o ex-vocalista Alexandre Pires. Além disso, artistas que fazem sucesso por outros estilos musicais, como Ludmilla, Gloria Groove e Léo Santana, lançaram projetos de sucesso inteiramente dedicados ao pagode romântico. Afinal, seria nostalgia? Certamente, mas ela sozinha não explicaria o êxito de músicos que seguiram lançando novos trabalhos do gênero, como Thiaguinho e Xande de Pilares, e de novos artistas, como Ferrugem.

Em relação às referências ao R&B, esse estilo musical tem a ver com outro ponto de contato entre a formação musical de Luciane Dom e Charlles André, um movimento exclusivo do Rio de Janeiro: o Baile Charme do Viaduto de Madureira. Criado há trinta anos, o evento resiste ao tempo e aos modismos, sendo não apenas um gênero musical, mas uma manifestação que envolve território, pertencimento e autoestima da população negra da cidade, tendo sido eternizado no funk de 1994 “Rap da diferença”, de MC Markinhos e MC Dollores, e na novela **Avenida Brasil**, da Globo, em 2012.

O termo charme foi criado pelo lendário Corello DJ em 1980. Após a queda na popularidade dos bailes soul, ele testara, com o público das festas que comandava, outras sonoridades da música negra estadunidense, como o R&B. Como achava o nome muito complicado, chamou o momento em que tocava aquelas canções de “hora do charminho”, e assim o nome “charme” pegou. Embora muitos eventos importantes do ritmo tenham acontecido na cidade, foi em Madureira que ele encontrou seu pouso definitivo. Patrimônio imaterial do Rio de Janeiro, o baile encanta com o visual caprichado dos frequentadores e os irresistíveis passinhos coletivos, transformando um lugar que um dia esteve degradado em uma espécie de quilombo urbano.

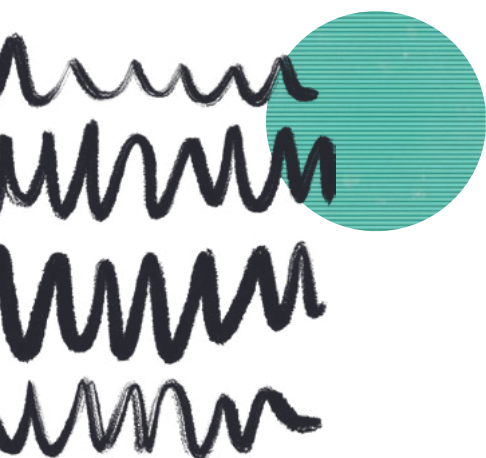
Completando a receita do show *Amor, tempo e território*, a MPB contemporânea é a principal referência da sonoridade de Luciane Dom, combinada a gêneros musicais africanos e afro-diaspóricos. Essa pesquisa se aprofundou entre 2018 e 2023, quando a cantora e compositora participou de uma série de projetos nos Estados Unidos e manteve contato com artistas de diversas nacionalidades e suas respectivas influências. O trabalho de Luciane na música tem interferência direta de seus estudos em História, em que é formada, sobretudo em relação ao negro no pensamento social brasileiro.

O fio condutor de tudo isso é o amor, provavelmente o tema mais frequente na música brasileira. E não somente o amor romântico, mas o sentimento em suas diversas expressões: o amor aos amigos, à vida, à festa, ao chão em que se pisa, à vida em comunidade e a si mesmo. Em uma sociedade que, por séculos, ensinou pessoas negras a odiarem a si e ao seu povo, falar de amor é revolucionário.

Luciane Dom

Cantora, compositora, instrumentista e atriz nascida em Paraíba do Sul, na Região Serrana do Rio de Janeiro, em 1989, e radicada na capital desde 2009. Nome em ascensão do cenário musical brasileiro, tem como base de sua sonoridade a MPB contemporânea, com elementos de ritmos africanos e afrodiaspóricos, incluindo os afro-brasileiros. Em 2018, lançou seu álbum de estreia, *Liberte esse banzo*, permeado por seus estudos sobre o negro no pensamento do país. O trabalho surgiu depois que ela atuou como backing vocal de diversas gravações e como vocalista das bandas BlackSoulFrevo, Quebrada e Groove in Bahia.

A artista começou a cantar aos sete anos, na igreja evangélica, e ouviu de sua mãe uma espécie de profecia: um dia, iria cantar no exterior. A previsão se cumpriu, e a artista já participou de uma série de projetos nos Estados Unidos, além de ter se apresentado no Chile, na Colômbia e no Canadá. Em agosto de 2023, estreou no musical *Viva o povo brasileiro (De Naê a Dafé)*, baseado no livro de João Ubaldo Ribeiro e dirigido por André Paes Leme, no Teatro Riachuelo Rio, que entrou em cartaz pelo Brasil em 2024. Além de cantar, Luciane toca instrumentos em cena, e um deles, o patangome (espécie de chocalho comum no congado mineiro), foi incorporado à sua música. Atualmente, ela está se preparando para seu próximo álbum, *Minhas fra(n)quezas*, previsto para 2025.





Charles André

Charles André nasceu em 1972 e cresceu em Guadalupe, na zona norte do Rio de Janeiro. Embora morasse em um lar musical, já que seus pais eram cantores amadores em festivais de rádio entre as décadas de 1950 e 1960, durante muito tempo seu sonho foi se tornar um ídolo do futebol. Seguiu por esse caminho dos sete aos vinte e um anos, tendo passado pelas categorias de base do futsal do Guadalupe Country Clube e seguido para o América Futebol Clube, no futebol de campo, onde foi até a categoria profissional. Nas viagens de ônibus após os jogos, tomou gosto pelo batuque. Após o irmão mais velho comprar um cavaquinho e desistir de se dedicar ao instrumento logo em seguida, Charles, com quinze anos, se arriscou a aprender e dominou com facilidade. Passou, então, a se dividir entre a música e o futebol. Aos vinte e dois anos, foi convidado a cantar na noite e decidiu enfim abraçar de vez a carreira artística.

Ele é cantor, multi-instrumentista e compositor com mais de trezentas músicas gravadas, sendo vinte delas grandes sucessos do pagode romântico, como “Mina de fé”, “Tanajura”, “S.O.S. paixão” e “Coração deserto”. Foi músico de apoio do grupo Molejo tocando baixo, mas seu maior destaque foi como vocalista da banda Os Morenos, que integrou de 1995 a 2004, quando decidiu se dedicar à carreira solo. A partir daí, lançou cinco discos, sendo o mais recente deles o *Tô online*, de 2024. Entre suas influências, além de outros artistas de seu gênero, estão sambistas, como Arlindo Cruz e Mauro Diniz, e compositores da MPB com uma pegada pop, como Djavan, Lulu Santos, Jorge Ben Jor e Herbert Vianna.

Ficha técnica:

Luciane Dom e Charles André: voz

Pitter Rocha: guitarra e samples

Filipe Lobo: baixo e violão

Davidson Ilarindo: bateria

Stephanye Corrêa: técnica de som

Pitter Rocha, Davidson Ilarindo e Filipe Lobo: direção musical

Davidson Ilarindo: direção de show

SANTA CATARINA

**SEU RISCA E ANA
PAULA DA SILVA**



“Canto porque nesse instante posso ser eu, inteira, no agora, em meu sopro divino”

Walter Guimarães¹⁰

Dois escravos estavam sendo perseguidos quando chegaram na beira de um rio. Como não sabiam nadar, pediram ajuda para uma entidade, e em troca faziam um culto em seu nome. De repente, uma luz atrapalhou a visão dos perseguidores. Daquela luz surgiu a imagem de uma mulher — Nossa Senhora do Rosário. Os escravos confessaram que não sabiam rezar, ela então disse que o culto poderia acontecer com cantos e tambores. E assim nasceu o ritual do catumbi de Itapocu.

Em 2009, Antonio Bernardino, mais conhecido como Seu Risca, e sua filha Alessandra, entregam para a artista Ana Paula da Silva o disco *Catumbi de Itapocu*, produzido pelo Sesc Santa Catarina. Foi o primeiro contato da cantora e compositora com a prática musical religiosa e afro-brasileira da região da Baía da Babitonga, localidade conhecida e vivida por Ana Paula da Silva. Seu pai, também Antonio, é de São Francisco do Sul, em Santa Catarina. Ali nasceu um elo muito forte dela com o catumbi. Dois anos depois, foram ministradas oficinas musicais, canto, tambores e corpo presente, com experiências sonoras e humanas relacionadas às manifestações populares brasileiras.

Seu Risca e Ana Paula da Silva possuem muitos sentimentos em comum, um deles é a memória. Ele sempre está preocupado se os mais jovens vão entoar os cânticos a partir da fé que move o ritual, a homenagem à Nossa Senhora do Rosário; ela almeja ir de encontro

¹⁰ Especialista em Jornalismo e Sociedade pela Universidade de Brasília (UnB), atua em desenvolvimento de planos e estratégias de comunicação corporativa, mas sempre busca andar por diferentes caminhos da comunicação, com a arte como norte para seguir. Produziu o documentário *O tempo que resta*, agraciado com três prêmios no Festival de Cinema de Brasília em 2019.

às manifestações populares da região onde nasceu, e como pesquisadora e compositora, apresenta uma intensa fonte de inspiração artística e humana.

Deste convívio com o catumbi, frutos já nasceram. Ana Paula da Silva se tornou mestra em Música na linha de Processos Criativos pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), com a pesquisa “Catumbi do Itapocu: Uma fonte de criação musical”. Na pesquisa em campo, nasceram seis canções embasadas na poética do catumbi, e, em 2022, nasceu o livro *Alma na voz e mãos no tambor*.

O encontro de Seu Risca, mestre do catumbi, e Ana Paula da Silva, cantora, compositora e pesquisadora, acontece a partir do convite do Sesc para fazerem parte do Sonora Brasil. O tema desta edição instiga um diálogo destes dois artistas pelos cânticos, danças e ritmos de manifestações populares de Santa Catarina, com a influência e inspiração para a criação de composições contemporâneas. Busca gerar reflexões que possam originar caminhos que venham de encontro com essas manifestações e seus territórios. Este movimento é uma forma de reconhecimento, autoafirmação e luta contra a invisibilidade de práticas populares e das comunidades locais.



Ana Paula da Silva

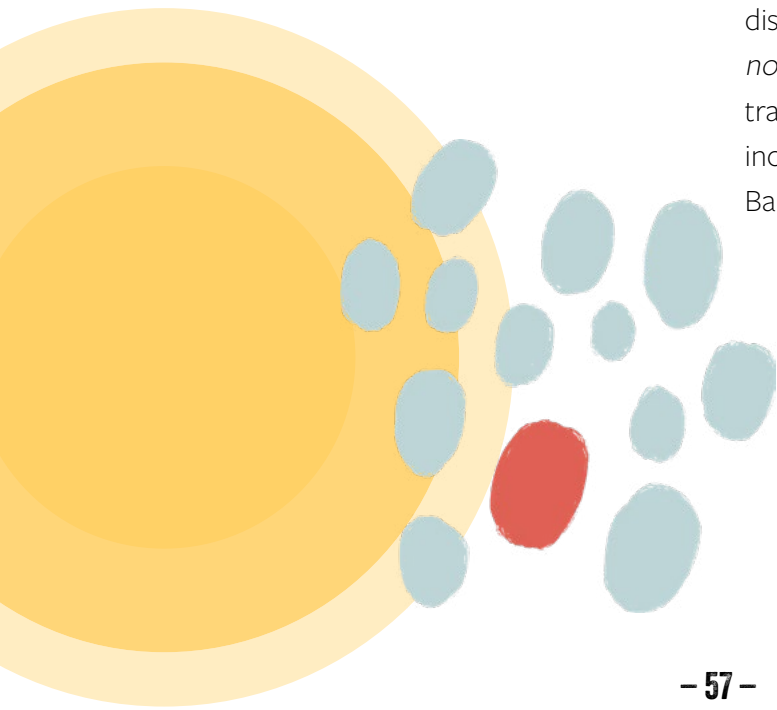
“Buscar a essência, atravessar a ciência, atuar pela voz de dentro.”

Bisneta de pessoas negras vindas da histórica cidade de São Francisco do Sul, em Santa Catarina, Ana Paula da Silva considera o diálogo com a tradição afro-brasileira determinante para sua vida artística. Seu pai, Antônio, sempre acreditou na música como um recurso educacional, e dentro de casa se praticava o aprendizado informal e empírico da música. Com mais de vinte e cinco anos de carreira, voltou-se para o ensino acadêmico e, hoje, é mestra pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e pesquisa sobre o Catumbi de Itapocu. A guarda de saberes ancestrais fixa raízes nas composições e na voz da premiada artista catarinense.



Como Ana Paula da Silva diz com orgulho, ela nasceu na Baía da Babitonga, em Joinville, e, além de cantora, compositora e produtora, ministra oficinas de música. Foram muitos caminhos percorridos, desde os primeiros shows em 1996 até o álbum mais recente, em 2013, *Remanso*. Em 2001, sua canção “Samba da bicicleta” foi premiada no 1º Festival do Sesc em Santa Catarina. Morou na Argentina, na Itália e na Áustria, onde produziu os dois primeiros álbuns, *Canto negro* e *Por causa do samba*, ambos em 2006. De volta ao Brasil, conheceu a maternidade com a chegada de sua filha, Clara da Silva, que também é artista. Em 2008, lançou o livro-CD *Contos em cantos* com o artista Humberto Soares. Premiada no Projeto Pixinguinha, lançou em 2009 *Aos de casa*, voltado para artistas catarinenses. O samba, sempre presente, foi contemplado em 2010 no *Pé de crioula*,

que, bem acolhido pelo público, a levou a realizar turnês pelo Brasil, pela Europa e pela América do Sul. Em 2014, o projeto *Ana Paula da Silva Trio*, com Davi Sartori e Willian Goe, originou *Raiz forte* (2016) e *Canto da cigarra* (2017), trabalhos que renderam os prêmios de Melhor Cantora do Prêmio da Música Brasileira em 2017 e Melhor Cantora e Autora da Região Sul do Prêmio Profissionais da Música em 2023, entre outros. Ela pesquisou no mestrado a memória do ritual afro-brasileiro Catumbi de Itapocu e, a partir disso, escreveu o livro *Alma na voz e mãos no tambor*, um mapeamento de práticas de tradição oral de comunidades afro-brasileiras, incluindo o catumbi, indígenas e açorianas da Baía da Babitonga.



Seu Risca

“O catumbi é um amor dentro da gente. Desde criança, quando dançamos, quando cantamos, quando estamos juntos, tudo arrepia. Esse é o sinal de que alguma coisa de bom tem.”

Antônio Bernardino Filho, cuja voz marcante se destaca no disco *Catumbi do Itapocu*, lançado pelo Sesc, é o nome do artista Seu Risca. Nasceu no distrito de Itapocu, no município de Araquari, em Santa Catarina, um dos que formam a Baía da Babitonga. Lá, o garoto “esperto, estudioso, bom de bola”, como ele mesmo diz, trabalhou na roça da família, que produzia milho e mandioca, para vender farinha na feira e a miúdo pelos caminhos traçados. Aos dezoito anos, mudou-se para Joinville, porque era hora de servir o quartel e, depois, trabalhou na indústria.

Participou da criação do Kênia Clube, primeiro espaço voltado para pessoas negras em Joinville, cujos bailes, músicas e domingueiras animavam a cidade. Até hoje, a casa dos Bernardino é musical: Seu Risca comanda o surdo e o tantã. O catumbi entrou na sua vida aos catorze anos e participou até completar sessenta e cinco.

Ele foi dançante e tamboreiro, ofício que aprendeu com o irmão Pedro e o mestre Jaime. Com a esposa, Dona Bela, já foram coroados rei e rainha do ritual, sinal de prestígio e liderança. Seu Risca sempre buscou seguir o ritmo dos mais velhos, sem inventar, e defende a tradição centenária da manifestação cultural. Além de filhos músicos, tem o apoio da esposa e da filha Alessandra, criadora do projeto *Catumbi Mirim*, selecionado entre as trinta melhores experiências pedagógicas contra o racismo no Brasil. A família é considerada um elo entre o passado e o presente e orienta a luta pela vida do catumbi.

Ficha técnica:

Seu Risca: voz, tambor e dançante

Ana Paula da Silva: voz, violão e percussão

Arthur Boscato: viola e violão de sete cordas

Fábio Mello: saxofone e flauta

Jean Boca: bateria

Tamiris Duarte: baixo

Sérgio Almeida: assistência de produção

Morgana Oliveira: cenário

Ana Paula da Silva: direção musical, pesquisa e composições

Gil Costa: engenharia de som

Associação Matakiterani: produção executiva

Cânticos originais de Santa Catarina:

Dança do Catumbi de Itapocu, Recomendação das Almas dos Caboclos e Caboclas do planalto serrano e Dança do Vilão



PARANÁ

FANDANGO MESTRE ZECA E MELINA MULANZANI



É preciso atravessar a ponte

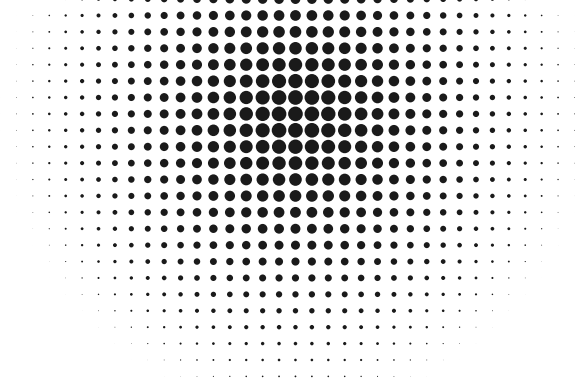
Isabela Mattioli¹¹

No ciclo 2024/2025 do Sonora Brasil, o Sesc promove um encontro singular entre dois expoentes da cultura brasileira: Fandango Mestre Zeca, de Paranaguá, e Melina Mulazani, de Curitiba. A união dos artistas celebra não apenas suas trajetórias individuais, mas também a riqueza e a diversidade da cultura tradicional brasileira, destacando o fandango caiçara.

Fandango Mestre Zeca representa Mestre Zeca da Rabeca, uma figura fundamental na preservação da cultura caiçara no litoral do Paraná. Além de ser um exímio construtor de instrumentos caiçaras, é reconhecido por sua habilidade musical e sua presença marcante nos fandangos da Ilha dos Valadares e do Mercado do Café, em Paranaguá. Ele personifica o patrimônio vivo da cultura caiçara e carrega consigo o conhecimento e a sabedoria da tradição que oferece ao mundo com seu talento e sua dedicação, atravessando décadas de bailes e oficinas.

Artista do mundo que aprendeu e firmou na arte de tradição a interdisciplinaridade, Melina Mulazani é dançarina, atriz, cantora, compositora, carnavalesca e performer, e é na pesquisa da voz em que todos esses ofícios confluem. Nascida em Curitiba e com quase quarenta anos de carreira, fundou o grupo vocal *a capella* Noivas do Allfreddo e o Grupo Mundaréu, viajou por todo Brasil e lançou discos emblemáticos como *Guarnicê: uma singela opereta popular*, *Cortejo natalino* e *Embala eu*. Sua carreira solo inclui os álbuns *Mê: o monstro careca da barriga esburacada de petipavê* e *Uma história úmida*. Melina também foi fundadora do bloco pré-carnavalesco Garibaldis e Sacis, que reuniu vinte mil pessoas na rua em Curitiba e transformou a cena cultural da cidade.

¹¹ Formada em Jornalismo e pós-graduada em Comunicação Organizacional e Revisão Textual. Participa ativamente da cobertura de eventos, roteiriza o cotidiano e traduz emoções em textos que atravessam plataformas. Mãe de Ian, vive a comunicação com um olhar atento para o mundo.



O encontro

Mestre Zeca e Melina Mulazani se unem aos músicos Leo Cardoso e Luiz Parna em uma turnê que percorrerá vinte e cinco cidades brasileiras. Esta travessia cultural, com produção de Jéssica Quadros, diretora do Ponto de Cultura Cantarim Cultural, leva a essência do fandango e a beleza da cultura caiçara a novos públicos, celebrando uma herança rica e profundamente enraizada na identidade brasileira.

Leo Cardoso relembra com carinho seu primeiro contato com Mestre Zeca e o fandango, destacando a importância de preservar e compartilhar essa tradição. Luiz Parna, com sua história de vida permeada pelo fandango em Paranaguá e na Ilha de Superagui, destaca a relevância de manter viva essa herança cultural. Juntos, Leo e Luiz dão vida ao Fandango Mestre Zeca. Melina Mulazani compartilha suas experiências, ressaltando a resistência e a beleza da tradição caiçara em sua trajetória artística.

A travessia

A participação dos artistas no Sonora Brasil não é apenas um espetáculo musical, mas uma jornada que convida o público a atravessar pontes entre gerações e culturas. Desde a Ilha dos Valadares, em Paranaguá, até as grandes cidades, o fandango caiçara é apresentado com seus instrumentos tradicionais como violas caiçaras, rabeca, adufes e tamancos, refletindo as raízes desse patrimônio imaterial brasileiro.

Repertório

Nascido do encontro entre esses quatro artistas, o repertório inclui desde modas tradicionais do fandango caiçara com instrumentação original até composições contemporâneas inspiradas na festa. Canções compostas especialmente para o espetáculo e inspiradas no fandango também vão embalar o público.

O diálogo com outras celebrações brasileiras presentes na identidade da cidade, como o coco, a ciranda de Pernambuco e o cacuriá maranhense, afirmam um Paraná mais brasileiro, repleto da herança afro-indígena. O espetáculo é uma celebração da mistura cultural do Brasil, com dança e dramaturgia que conectam passado e presente, emocionando e encantando com a riqueza da tradição da arte brasileira que atravessa o tempo.



A turnê do Sonora Brasil 2024/2025 com Fandango Mestre Zeca e Melina Mulazani é mais do que uma série de concertos — é uma ode à diversidade cultural do Brasil e um convite para celebrar nossas raízes por meio da arte.

Fandango Mestre Zeca

Nascido em 1952, José Martins Filho, mais conhecido como Zeca da Rabeca, é um dos últimos construtores de instrumentos caiçaras ainda vivos no litoral do Paraná. Sua presença é constante e inconfundível nos fandangos da Ilha dos Valadares e no Mercado do Café, em Paranaguá, no Paraná. Músico, construtor de instrumentos populares e artesão, Mestre Zeca é um verdadeiro patrimônio vivo da cultura brasileira, paranaense e caiçara.

Desde criança, ele se envolve com o artesanato e a pesca, além da construção de instrumentos, casas e barcos. Sua vida está sempre em movimento, sendo ele um talentoso tocador e cantador desse estilo musical popular. Em 2021, com o incentivo de amigos, Zeca fundou o grupo Viola Afinada, que busca garantir a sustentabilidade de sua arte e da cultura. O grupo, formado por músicos e dançarinos, trabalha incansavelmente para preservar a tradição caiçara.

Mestre Zeca é uma figura central em diversos grupos de fandango em Paranaguá e se dedica a transmitir essa tradição por meio de projetos culturais, garantindo que o gênero ecoe nas gerações futuras. Sua dedicação foi reconhecida com o Prêmio Mazzaropi do Ministério da Cultura e uma menção honrosa da Câmara dos Vereadores. Sua história e sua contribuição cultural foram recentemente imortalizadas na *Biografia Mestre Zeca: fandango para não morrer*, de Angélica Ripari. Ele é uma fonte de inspiração, um guardião das memórias e ritmos do litoral paranaense, perpetuando a alma caiçara por meio de cada nota e cada instrumento que cria. Sua trajetória inspirou Leo Cardoso e Luiz Parna a criar o Fandango Mestre Zeca e realizar um tributo durante a turnê pelo Brasil.





Melina Mulazani

Artista da voz, compositora, carnavalesca e performer com trinta e cinco anos de carreira, Melina Mulazani alterna seu trabalho entre o teatro, a dança contemporânea e a música. Fundou o Noivas do Allfreddo, um grupo vocal *a capella* apadrinhado por José Eduardo Gramani, e o Grupo Mundaréu, com o qual viajou pelo Brasil, participando de festivais e integrando a Cartografia Musical Brasileira Rumos 2000/2001. Com o Mundaréu, lançou quatro discos e um DVD, além de apresentar mais de oito espetáculos e manter um espaço cultural.

Seu primeiro disco solo como compositora, *O monstro careca da barriga esburacada de petipavê*, foi produzido por André Abujamra em 2010. Em 2016, lançou outro disco, *Uma história úmida*. Em São Paulo, em 2019, cantou na Virada Cultural no palco Itamar 70 e para crianças no show *Arca de Noé*.

Desde 2013, ministra a oficina Cantorias do Brasil, realizada em estados como Pernambuco, Paraíba, São Paulo e Paraná. Como carnavalesca, fundou o tradicional bloco Garibaldis e Sacis na capital paranaense. Como backing vocal, viajou em duas turnês pelo Brasil com a banda de Felipe Cordeiro, artista paraense, tocando ao lado de nomes como Pepeu Gomes, Letieres Leite e Fafá de Belém.

Desde 2015, é vocalista e percussionista da Orquestra Friorenta, banda que já participou de festivais como Psicodália e Morrostock.

Ficha técnica:

Melina Mulazani: voz, percussão e tamanco

Herbert dos Santos: violão de sete cordas, machete, rabeca e viola

Leo Cardoso: voz, rabeca e tamanco

Luiz Parna: violão de sete cordas, machete, rabeca e viola

Jéssica Quadros: produção

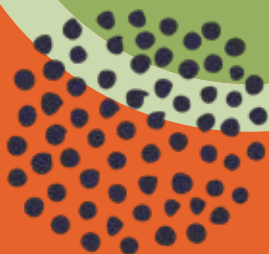
Tiago Bruel: técnico de som



Espaços de circulação do Sonora Brasil



DEPARTAMENTO REGIONAL OU POLO DE REFERÊNCIA	CIDADE
Acre	Rio Branco
Alagoas	Maceió e Arapiraca
Bahia	Salvador e Feira de Santana
Ceará	Crato, Juazeiro do Norte, Iguatu e Nova Olinda
Polo Sociocultural Sesc Paraty	Paraty
Distrito Federal	Brasília
Espírito Santo	Vitória, Cachoeiro, Guarapari e São Mateus
Polo Socioambiental Sesc Pantanal	Poconé
Polo Educacional Sesc	Rio de Janeiro
Goiás	Goiânia e Caldas Novas
Maranhão	São Luís e Caxias
Minas Gerais	Belo Horizonte, Pouso Alegre, Almenara, Poços de Caldas e Montes Claros
Mato Grosso do Sul	Campo Grande
Pará	Belém
Pernambuco	Recife e Garanhuns
Paraná	Maringá
Rio de Janeiro	Petrópolis e Paraty
Paraíba	Campina Grande e João Pessoa
Rio Grande do Norte	Natal, Caicó e Mossoró
Rio Grande do Sul	Porto Alegre, Carazinho, Passo Fundo, Ijuí, Santa Rosa, Alegrete, Camaquã, Montenegro, Caxias do Sul, Canoas, Novo Hamburgo, Pérolas, Rio Grande e Santo Ângelo
Roraima	Boa Vista
Rondônia	Porto Velho e Ji-Paraná
Sergipe	Socorro, Aracaju e Itabaiana
Santa Catarina	Criciúma, Joinville e Lages
São Paulo	Campinas, Jundiaí, Guarulhos, Piracicaba e São Carlos
Tocantins	Palmas, Paraíso e Gurupi



A vida
acontece
com o Sesc

Sesc
CNC Senac

